

## ESTAÇÃO CÓSMICA

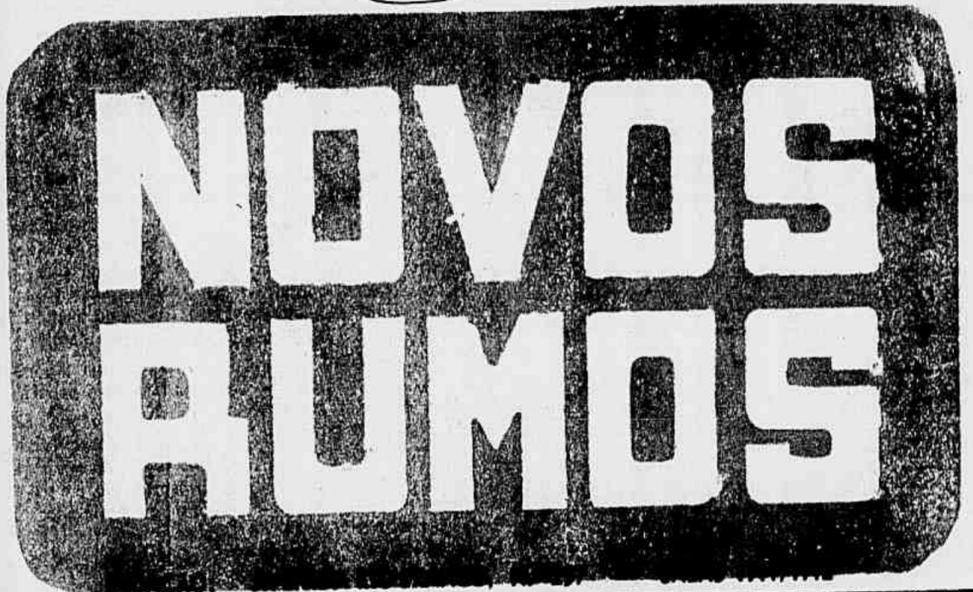
O lançamento dos foguetes e dos satélites abriu novos horizontes à ciência. Os espaços cósmicos são objeto de estudos cada vez mais acurados dos sábios em todo o mundo. Entre os países que se encontram à vanguarda destes estudos está a União Soviética, pioneira no lançamento dos satélites. Agora, numa exposição em Moscou, no Pavilhão da Eletrificação, foi mostrado o modelo de uma estação cósmica em funcionamento. Dêsse modelo é a foto que reproduzimos aqui (Agência TASS).

FMI E O BRASIL:

# CARESTIA GALOPOU EM SEIS MESES DE ENTREGUISMO

(4.ª página)

ANO I — RIO, SEMANA DE 26 DE JUNHO A 2 DE JULHO DE 1959 — N.º 18



## RIO: AUMENTO DE 1.400% NA RADIOATIVIDADE

(10.ª página)

## CONSEQUÊNCIA

O relatório do Departamento de Estado sobre as relações entre o Fundo Monetário Internacional e o Brasil representa, antes de tudo, a prova confessa da de que a política do FMI e a política do Departamento de Estado são uma única e mesma coisa. O diálogo técnico não passa, na verdade, de mero instrumento manejado pelo governo norte-americano. E não é só isso. O relatório deixa também claro, sem nenhum subterfúgio, que a política econômico-financeira posta em prática pelo governo brasileiro, através da atuação do sr. Lucas Lopes no Ministério da Fazenda e de seus lugares-tenentes Roberto Campos, no BNDE, e Garrido Torres, na SUMOC, vem sendo ditada pelo Departamento de Estado.

O sr. Juscelino Kubitschek rompeu negociações com o FMI porque, para a concessão do empréstimo pleiteado, eram feitas imposições inaceitáveis. Na realidade, novas imposições, porque as anteriores já vinham sendo cumpridas. O ato do presidente da República teve, assim, o sentido de uma manifestação de repúdio a exigências mais danosas daqueles que, do exterior e apoiados em setores do próprio governo brasileiro, vêm impondo a orientação que deve ser seguida pelo nosso país no terreno da economia e das finanças. O ato de rebeldia já representa, sem dúvida, uma reação justa e patriótica. E por isso mesmo provocou uma onda de entusiasmo e de aplausos das forças mais sadias e expressivas da nação, deixando do outro lado, a vociferar, em mal reprimido desespero, um grupelho bem conhecido de entreguistas raivosos. Mas, o ato de rebeldia deve ter coerência e consequência.

Não se trata apenas de romper negociações. Melhor ainda: nem se trata mesmo de romper negociações. Negociações, de modo geral, devem ser realizadas, já que o problema não é manter-se o Brasil isolado. Trata-se, porém, de romper com a submissão, que tem sido aceita, de nossa política econômico-financeira aos interesses e imposições de uma potência estrangeira. O problema é tornar-se o Brasil, também sob esse aspecto, independente e soberano.

Através de pronunciamentos de porta-vozes do governo e do próprio presidente da República, no discurso ante a manifestação popular que recebeu, adquiriu foros de fato público e notório a compreensão de que a política imposta pelo FMI conduz, inevitavelmente, a duas desastrosas consequências: estagnação e mesmo retrocesso no desenvolvimento de nossa economia e crescente e insuportável agravamento das condições de vida do povo. Comprova-se, assim, o que tantas vezes tem sido dito: a luta contra a carestia da vida e a conquista de nossa emancipação econômica exigem a substituição da política econômico-financeira do governo. E a solução, também já tantas vezes apontada, de seguir o governo um caminho independente, tendo como bússola exclusiva os interesses da nação e do povo. E' esse o caminho que dará coerência e consequência à recusa do Sr. Juscelino Kubitschek em se curvar às últimas imposições do FMI.

## ANTES E... DEPOIS

HOJE

UDN:

### COM O FMI E COM JÂNIO

(3.ª página)

ASSEMBLEIA

DA BAHIA:

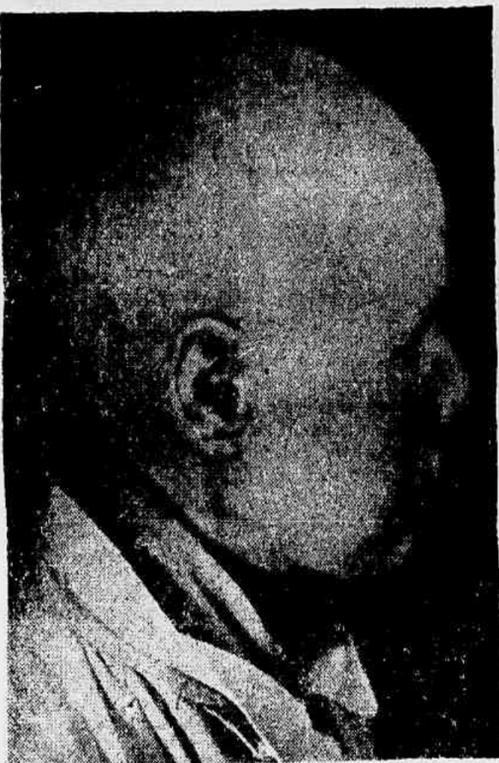
### REATAMENTO DE RELAÇÕES

(6.ª página)

### "GLOBO" E "TRIBUNA":

### BOLETINS DA EMBAIXADA AMERICANA

(10.ª página)



## NOVOCAÍNA — A VOLTA DA JUVENTUDE

Importantes pesquisas de uma cientista romena. Experiências impressionantes em animais e seres humanos. Os cabelos desta mulher renasceram quando pareciam irremediavelmente perdidos. Chama-se ela

Maria Tabarcea, de 25 anos. Nas fotos acima, vemos-a aos 25 anos e 1 ano e meio depois. Leia artigo do médico brasileiro Fued Saad, na 9.ª página, que entrevistou a Dra. Aslan em Bucareste.

NO "MUNDO LIVRE"



— Não olhes para trás, mas parece que alguém nos segue... (Do jornal norte-americano "Washington Post").

ADJOI GHOSH EM KERALA

O governo estadual de Kerala é encabeçado pelo Primeiro-Ministro Nambudiripad, membro do Birô Político do Partido Comunista da Índia e autor de uma "História do Estado de Kerala", que mereceu grande conceito dos estudiosos em anos.

Com a eclosão da atual crise, Nambudiripad convidou o Primeiro-Ministro

Numa entrevista à imprensa em Madras, Ghosh declarou que a única medida "honesta" que deveriam tomar os líderes do Partido do Congresso era abandonar a agitação. A alta direção do Partido do Congresso — acrescentou — deve admitir que cometeu um erro.

Há vários dias as agências telegráficas subordinadas aos monopólios internacionais (UPI, FP, AP) têm um prato gordo de anticomunismo: distúrbios registrados no Estado indiano de Kerala, onde existe um governo dirigido pelos comunistas.

As correntes políticas de oposição em Kerala tinham anunciado de há muito agitações de rua para o dia 12 de junho. As manifestações oposicionistas tiveram lugar realmente, convocadas e comandadas pelo Partido do Congresso (partido de Nehru) e o Praja Socialist e elementos da Igreja Católica que vêm procurando derrubar o governo de Kerala. As agitações ocorreram com mortos e feridos.

O motivo alegado pelos oposicionistas: a lei de instrução, segundo a qual os professores são selecionados pelo governo, quando a iniciativa privada procura manter em suas mãos esse privilégio. A campanha antigovernamental neste domínio foi desencadeada principalmente pelos católicos. A luta, em parte, se trava realmente neste terre-

no. Mas o que as agências telegráficas ocidentais não dizem é que não é este o motivo único, nem talvez o principal.

DESENCADEADA A DESORDEM

A desordem em Kerala estava de há muito nos planos da oposição. Há dias, numa correspondência publicada no «O Estado de São Paulo», um jornalista perguntava a um líder do Partido do Congresso em Kerala:

«— Têm um programa para retomar o poder?»

«— Não podemos colocar o governo em minoria, mas contamos com o descontentamento popular, com os movimentos sociais.

«Era, portanto, verdade que, no poder, os comunistas queriam manter a ordem, enquanto os que haviam perdido a posição punham sua esperança na desordem» («O Estado de São Paulo», 7-VI-59).

PORQUE A DESORDEM INTERESSA

A desordem interessa aos oposicionistas no Estado de Kerala. Interessa para desmoralizar os comunistas, que conquistaram o Poder desde 5 de abril de 1957, em eleições nas quais tiveram maioria absoluta enfrentando todos os demais partidos. Foram ao Poder desbancando precisamente o partido governamental, de Nehru, o Partido do Congresso. E se propuseram levar a cabo um programa que interessa vitalmente ao povo: instrução geral e gratuita, distribuição das terras aos que as trabalham, fomentar a industrialização, além de outras medidas.

Como era de esperar, os comunistas passaram a enfrentar sérios obstáculos à sua atividade governamental. Pode-se perfeitamente imaginar os empecilhos que o governo central da Índia lhes opõe: negando as verbas necessárias à execução das obras do Estado, negando-se a ratificar as leis aprovadas pela Assembléia Estadual de Kerala, como no caso da reforma agrária.

A REFORMA AGRÁRIA

Aqui está um dos pontos mais delicados da questão que pretendem apresentar como simplesmente devido ao problema da instrução pública. Precisamente agora o governo de Kerala trata de levar à prática medidas de reforma agrária, pois uma reforma agrária completa não é possível dentro da Constituição indiana. As terras dos grandes latifundiários, por exemplo, não podem ser confiscadas. O governo de Kerala só pode distribuir entre os camponeses sem terra as terras do Estado. Mas tem tomado outras medidas em favor do campesinato pobre, tais como:

— Limitação das taxas de arrendamento, que o governo reduziu a uma quinta parte da colheita (antes os arrendatários pagavam a meia).

— Proibição de expulsão dos camponeses das terras que trabalham.

— A distribuição das terras do Estado abrange um total de 300 mil hectares.

— Facilidade de crédito aos pequenos camponeses.

A isto se opõem os grandes latifundiários, que pretendem manter seu poder econômico secular, ameaçado pelas medidas de reforma agrária propiciadas pelo governo. Daí a fúria com que se lançam contra este, promovendo, junto com as forças políticas de oposição, o que chamaram de «Dia da Libertação», com o objetivo declarado de derrubar o governo de Kerala.

O POVO ESTÁ COM O GOVERNO

Como é natural, um governo que toma medidas em favor do povo conta, sem nenhuma dúvida, com o seu apoio. Certamente, nem tudo quanto prometeram puderam realizar os comunistas e seus aliados, ante as sérias obstruções opostas pelo próprio governo central da Índia.

As medidas de reforma agrária beneficiam a maior parte da população de Kerala, pois 57% de todos os seus habitantes vivem no campo. E viviam secularmente explorados pelos latifundiários.

O salário dos operários, hoje, é muito mais justo do que antes do advento do atual governo, embora a propriedade privada continue intocável. É claro que os operários, em sua maioria, também apóiam esse governo.

A lei sobre instrução, não obstante romper com preconceitos de casta, aproveita igualmente às

camadas mais pobres da população, que dão seu firme apoio à administração atual.

Em resumo, os reacionários tentam criar uma situação tal em que o governo de Kerala — onde os comunistas chegaram ao poder através de elei-

ções — fracasse em seus principais propósitos e possa ser apresentado aos demais Estados da Índia como um mau exemplo. Pois se tiver êxito será um exemplo perigoso para a burguesia e os reacionários senhores feudais indianos.

Realizam Um Programa Socialista?

O Partido Comunista chegou ao poder no Estado de Kerala nas eleições de 1957. Até então, depois que a Índia conquistou sua independência política dentro do Domínio Britânico, o poder em Kerala estava nas mãos do Partido do Congresso — o partido governamental central, do Primeiro-Ministro Jawaharlal Nehru. Em Travancore (que depois integrou o Estado de Kerala) o Partido do Congresso tinha na Assembléia local 107 de um total de 108 cadeiras.

Pode-se perguntar: uma vez no Poder, o Partido Comunista realiza um programa socialista?

Não. Os pontos básicos do programa que os comunistas tentam realizar são de revolução democrático-burguesa. Visam à liquidação dos restos feudais, a industrialização, a instrução geral e obrigatória, etc. Eram pontos advogados pelo próprio Partido do Congresso, que, no entanto, jamais os levou à prática.

CRÔNICA INTERNACIONAL

PRIMEIROS FRUTOS DE GENEBRA

Depois de seis semanas de reuniões, adiou seus trabalhos até 13 de julho a Conferência de Ministros do Exterior em Genebra. Ao contrário do que previa agourentamente a propaganda ocidental das grandes agências e jornais reacionários, a Conferência não fracassou. As conversações entre os representantes das 4 potências contribuíram de certa forma para o alívio da tensão internacional.

Um resultado altamente positivo foi o reconhecimento de que o atual estatuto de Berlim ocidental deve ser revisto. Quer dizer, houve o consenso geral de que não é mais possível manter a zona oeste da grande cidade, sob ocupação americano-franco-inglesa, transformada numa base da OTAN, num cavalo-de-troia no coração da República Democrática Alemã, base militar para os revanchistas da camarilha de Adenauer.

Conseqüentemente, o chamado «plano global» apresentado pelo chanceler americano Herter foi posto de lado como um coquetel destinado a perturbar e confundir o problema de Berlim. A tentativa malogrou redondamente, numa confirmação de que o importante, neste momento, é enfrentar com decisão a questão mais aguda: Berlim, cuja solução poderá influir para resolver o problema alemão em seu conjunto, como o mais sério do pós-guerra.

No curso das conversações de Genebra, a delegação da União Soviética, chefiada por Gromiko, demonstrou ausência de intransigência. Procurou facilitar a conclusão de um acordo, ainda que parcial, para finalmente chegar-se a uma solução definitiva e mutuamente satisfatória. Desde o início da Conferência ficou comprovado não haver nada que se assemelhasse a ultimato de parte da URSS. A data anunciada anteriormente por Khrushchov para a entrega da administração de Berlim ao governo da RDA foi abandonada. Os soviéticos, ao final desta primeira fase das conversações, admitiram que as potências ocidentais poderão manter determinados direitos em Berlim oeste, menos, é claro, transformá-la em base de guerra, em trampolim para os fins revanchistas de Adenauer contra o Leste. Apresentaram outra sugestão perfeitamente aceitável: a formação de um Comitê Geral Alemão destinado a elaborar medidas concretas para a reunificação do país.

Desde que se reconheça que o principal problema do pós-guerra é o problema alemão — de que depende a paz na Europa e, portanto, no mundo — não há outra saída senão encaminhá-lo a soluções adequadas. A Conferência de Genebra teve o mérito de dar alguns passos, embora difíceis e tardos, neste sentido. Foi uma grande coisa, por exemplo, o reconhecimento do direito do falarem os representantes da República Democrática Alemã em nome de uma boa parcela do povo alemão.

Em resumo, Berlim ocidental começou a ser desmontado como peça do perigoso tabuleiro atômico dos imperialistas e revanchistas. Não foi muito o que se conseguiu nestas seis semanas em Genebra. Mas o que são seis semanas de conversações em busca de soluções pacíficas, depois de 13 anos de encarniçada guerra fria?

KERALA: ASPECTOS GERAIS

O menor dos Estados da União Indiana. Corresponderia ao nosso Sergipe. Sua população, porém, é algo respeitável: mais de 13 milhões de habitantes.

Localiza-se na extremidade sudoeste da península indiana, tendo mais de 600 quilômetros de costas no Mar da Arábia. Sua civilização é multimilenar. Seu povo distingue-se das demais nacionalidades que habitam a Índia e tem sua própria língua: o malaialam.

Outra particularidade: é o Estado indiano de mais alto nível de instrução: mais de 40% da população sabe ler e escrever, enquanto a Índia tem mais de 80% de analfabetos.

Devido à influência portuguesa quando dos grandes descobrimentos, a religião católica exerce

grande influência em Kerala. É também o Estado em que há maior porcentagem de católicos, uns 30%, enquanto que em toda a Índia não vai além de dois por cento.

E, finalmente, foi o primeiro Estado da Índia a ter um governo dirigido pelos comunistas.

EM TÓDAS AS LIVRARIAS

O OLHO E O SOL

Serguéi Vavílov

As reações ingênuas da criança em relação à luz, a religiosidade do homem primitivo ante o sol, os devaneios do poeta embevecido com o olhar da amada e com as estrelas, as falsas teorias que se sucedem sobre os fenômenos luminosos, enfim, a longa, complexa e maravilhosa evolução da óptica é neste livro analisada à luz do conhecimento do sábio soviético S. Vavílov.

Novo lançamento da "Coletânea de Estudos Científicos" (5.º volume).

COLETÂNEA DE ESTUDOS CIENTÍFICOS

volumes já publicados:

- 1 — A Albumina e a Vida (esgotado) E. Braunstein.
- 2 — A Origem da Vida - A. Opárim
- 3 — O Voo no Espaço Cósmico - A. Sternfeld
- 4 — ABC do Sistema Solar - V. G. Fesenkov

EDITORIAL VITÓRIA LTDA.

R. Juan Pablo Duarte, n.º 50 — Sobrado Telefone: 22-1613

RIO DE JANEIRO

(Atendemos pelo Reembolso Postal)

NOVOS RUMOS

Diretor — Mario Alves

Redator-chefe — Orlando Bomfim Jr.

Secretário — Fragman Borges

Gerente — Guttemberg Cavalcanti

REDACTORES

Almir Matos, Rui Fares, Paulo Motta Lima

Maria da Graça, Luis Ghilardini

MATRIZ

Redação Av. Rio Branco, 257, 17.º andar, S/1712 — Telefone: 42-7344

Gerência Av. Rio Branco, 257, 9.º andar, S/905

Endereço telegráfico — NOVOSRUMOS

ASSINATURAS

Anual — Cr\$ 250,00  
Semestral — Cr\$ 130,00  
Trimestral — Cr\$ 70,00

Área ou sob registro, despesas à parte

Número avulso — Cr\$ 5,00

Número atrasado — Cr\$ 8,00

FORÇAS POLÍTICAS SE DEFINEM.



Dep. Oswaldo Lima Filho

O rompimento pelo governo brasileiro das negociações com o Fundo Monetário Internacional continua a ser o fato que empolga a opinião pública do país. Poucos acontecimentos terão, como este, encontrado tão grande repercussão e provocado um movimento tão vasto de apoio a um ato emanado do Catete.

dos Estados Unidos, serviu, como era inevitável, para que as diversas forças políticas se definissem, sem artificios, em face dos rumos que devemos seguir: a defesa dos interesses nacionais e populares ou a entrega cada vez mais aberta do Brasil às exigências e apetites dos trustes imperialistas. Os debates havidos no Parlamento, sobretudo, permitiram uma clara definição de atitudes nesse terreno.

POR QUE JK ROMPEU?

Por que o sr. Juscelino Kubitschek, que tem cedido tantas vezes às imposições dos grupos financeiros norte-americanos, decidiu agora fazer frente ao Fundo Monetário e repelir suas exigências de uma completa reforma cambial? É perfeitamente sabido, aliás, que o governo, através do Plano de Estabilização Monetária do sr. Lucas Lopes, se dispunha há alguns meses atrás a seguir o ruidoso caminho apontado pelo FMI. Sua atitude atual representa, portanto, ao menos possível o início de um rompimento com a política que vinha tentando pôr em prática.

mostrando ao governo que são dispostos a não se submeter a uma política entreguista que só pode resultar em maiores dificuldades para o país. Sob o peso desta pressão, e tendo em próximo o exemplo convincente da Argentina, percebeu o sr. Kubitschek não haver outro caminho a seguir. Coube, aliás, ao líder do Catete na Câmara Federal, sr. Armando Fulbright, confessar que o sr. Kubitschek o que fazia era afastar elementos que, caso permanecessem, poriam em risco a própria sobrevivência do governo.

TRISTE PAPEL DA UDN: VANGUARDA DO ENTREGUISMO

Dos debates em torno da suspensão dos entendimentos com o FMI uma conclusão logo se impõe: cabe à direção da UDN o triste papel de, em face de um choque concreto da nação com os imperialistas norte-americanos, liderar uma infame campanha contra o Brasil e a favor dos banqueiros e trustes dos Estados Unidos. Este é o sentido exato não só da nota oficial da UDN como dos discursos de seus líderes na Câmara Federal: os srs. Carlos Lacerda e João Agripino. Na verdade, não existe nenhuma diferença essencial entre os discursos dos líderes udenistas e as declarações do insolente senador ianque Fulbright. Em ambos os casos, servindo a objetivos absolutamente idênticos, o que há é a exigência de que o Brasil realize uma política econômico-financeira que só pode resultar na paralisação do nosso desenvolvimento econômico, numa dependência maior em relação aos monopólios estadunidenses e na miséria crescente para o povo brasileiro.

maior desenvoltura. Não há aí, portanto, propriamente uma linha oposicionista, mas uma posição coerente e marcadamente entreguista. Quando o sr. Kubitschek cedia ao FMI e o sr. Lucas Lopes elaborava o seu plano antinacional, a UDN aplaudia o governo. No momento em que rechaça o diktat dos banqueiros ianques e, desse modo, abandona o Plano de Estabilização, o governo passa a ser atacado, nesse terreno, pelos líderes udenistas. A direção da UDN está sempre com o entreguismo, contra os



Dep. João Agripino

COM O BRASIL OU COM O FMI?

interesses do Brasil. Entre Lacerda, Agripino, Padilha e Fulbright existe apenas uma diferença: a da língua que falam. Porque o que dizem é o mesmo. Há os que vêm na posição da liderança da UDN um objetivo político, que define bem quanto é ela destituída de qualquer sentimento patriótico: pretendendo impor ao governo a política do FMI, o que visa a eterna vigilância é que se crie no Brasil uma situação idêntica à da Argentina a fim de facilitar a sua chegada ao Poder, quer através de eleições, quer por outros meios. Não se comovem os maiores udenistas ante a perspectiva de ruína do país, o que eles querem é o Poder.

NACIONALISTAS EXIGEM UMA NOVA POLÍTICA

Falando em nome da Frente Parlamentar Nacionalista no debate de sexta-feira última na Câmara, o deputado Neiva Moreira pediu ao líder da maioria que levasse ao sr. Kubitschek a seguinte mensagem: os nacionalistas esperam que o rompimento com o FMI represente, de fato, o início de uma nova política, que não se detenha nesse gesto, mas se oriente de maneira decidida no sentido de uma solução nacionalista para os problemas que nos defrontamos.

O sr. Neiva Moreira acrescentou que se torna indispensável, para a realização dessa política, que sejam afastados os entreguistas dos postos-chave que ocupam no Executivo, a fim de que uma política desta natureza tenha realmente, dentro do governo, um respaldo coerente e uma orientação que se identifique com os altos sentimentos e as legítimas aspirações do povo brasileiro.

As palavras do deputado maranhense exprimem uma exigência que é de todas as forças nacionalistas, sem o cumprimento da qual atitudes como a agora tomada pelo governo podem se reduzir a gestos ocasionais, amanhã desfeitos por novas e ainda mais ruinosas concessões aos trustes.

Para que o governo enverede pelo caminho de uma nova política são indispensáveis e urgentes medidas como a ampliação do nosso comércio exterior (relações com os países socialistas), regulamentação da remessa de lucros pelas empresas estrangeiras, proteção efetiva à indústria nacional, eliminação de privilégios de que gozam os trustes como a Instrução 113, além de outras.

As manifestações de apoio que o governo vem encontrando, em todos os círculos, em sua resistência ao FMI, indicam que o povo brasileiro estará firmemente ao lado de qualquer governo que se disponha a avançar no caminho de uma política progressista e independente.

OS COMUNISTAS DÃO UM EXEMPLO DE PATRIOTISMO

Enorme agitação fizeram os entreguistas na Câmara a propósito do comício da última semana nos jardins do Catete. Como habitualmente, extremaram-se na provocação os portavozes da UDN. O principal pretexto para a provocação foi a presença de Luis Carlos Prestes entre a massa que assistia ao «meeting».

Na opinião dos dirigentes udenistas, o ex-senador carioca não deverá o direito de participar em simples manifestações do povo, e se compareceu ao ato no Catete isto significa que o governo está «ao lado da Rússia», etc.

A encenação armada pelos srs. Lacerda e Agripino tinha um objetivo certo: tentar desviar a discussão em torno do repúdio nacional ao FMI para o anticomunismo. A manobra — antidemocrática e antipatriótica — não encontrou terreno favorável. Serviu, ao contrário, para acentuar o isolamento da UDN em

APÓIAM JÂNIO E DEFENDEM FMI

Seria impossível fugir à realidade de que o debate acerca do rompimento com o FMI se situa já no quadro da sucessão presidencial. De fato, o relevante acontecimento logo se constituiu num fator de polarização das forças que se arremetiam em torno do pleito de 1960. Defendendo o Fundo Monetário e a política do grupo entreguista Lucas Lopes-Roberto Campos (Garrido Torres) ou repulindo as suas afrontosas exigências (defendendo uma política de desenvolvimento independente) as forças que disputarão a vitória em 1960 revelam hoje o que fariam uma vez ocupando o Poder.

Ao lado do Fundo, e contra os interesses nacionais, forma a vanguarda dos partidários de Jânio Quadros, com o sr. Carlos Lacerda e o antigo espírita nazista Raimundo Padilha à frente. Enquanto isto, destacam-se na luta contra a política do FMI e suas imposições precisamente as forças que apoiam ou tendem a apoiar o marechal Teixeira Lott. O próprio ministro da Guerra já fez declarações categóricas de repúdio ao Fundo Monetário Internacional.

A enorme repercussão alcançada na opinião pública pelo gesto do governo e a condenação unânime à traição dos líderes udenistas indica claramente às forças situacionistas que a conquista d.

sua posição entreguista e deixar patente o patriotismo dos comunistas, formando ao lado de todas as demais forças nacionais na repulsa às imposições do FMI.

Levando o Sr. Carlos Lacerda literalmente ao desespero, a Câmara aplaudiu as palavras do líder do PTB, sr. Oswaldo Lima Filho, ao afirmar que os comunistas davam um exemplo de patriotismo à UDN ao se incorporarem, como o faziam, ao movimento de indignação de todo o país contra as afrontas feitas ao Brasil pelos imperialistas norte-americanos.

vitória eleitoral no próximo ano está, antes de tudo, na dependência da política que, de agora em diante, seja realizada pelo governo. Cabe aqui insistir na observação do sr. Neiva Moreira, que as forças nacionalistas mais consequentes, em particular os comunistas, vêm fazendo insistentemente urge que o sr. Kubitschek se decida a romper em definitivo com os setores entreguistas, afastando-os dos cargos que ocupam no governo, e aplicando firmemente uma política que corresponda aos interesses nacionais.



«Não é possível libertar o Brasil da pressão norte-americana sem que sejam postas em movimento as massas populares. San Yai San disse em seu telegrama: «Dei quarenta anos de minha vida à causa da revolução nacional, a fim de obter a liberdade e a igualdade para a China, e fui condenado à condenação de que, para atingir esse objetivo, é indispensável pôr em movimento as massas populares».

«O Globo», em cujas colunas pontifica o sr. João Neves, articulista macróbio da Esau, investiu contra os brasileiros que manifestaram no Catete, solidariedade à política de resistência aos arroubos do Fundo Monetário. «Manifestação comunista ao Presidente», disse o jornal que entre o Brasil e o Fundo coloca-se contra o Brasil.

Os comunistas não podiam deixar de comparecer àquela manifestação e lá estavam. Mas também foram ao Catete, na mesma ocasião, banqueiros, homens da estirpe do sr. Horácio Lafer e até figuras da famosa cúpula do PSD. Quando as messas se movimentam, unem-se com elas homens de várias tendências.

Na verdade, dois dias depois de lançada a provocação, viu-se «O Globo» forçado a desmentir. «Ao qualificarmos de comunista a manifestação, não quisemos afirmar que todos os que a compareceram fossem comunistas». Ora então! Se não queria afirmar essa tolice, por que afirmá-la para negá-la quarenta e oito horas depois?

Também o sr. Bias Fortes queria o «união nacional» do Fundo Monetário e dos esquemas-eleivinos. Veio no entanto de Minas, assuntou os modais na Corte e constatou: «Não há dúvida que o nacionalismo está empregando todo o País. É uma realidade».

Causa descontentamento o ardor entreguista dos líderes Carlos Lacerda e João Agripino. Os líderes desses senhores murmuram: «Assim também é demais!» Na Paraíba, o líder da bancada udenista da Assembléia Legislativa hipoteca solidariedade ao Governo, que resiste e repele a ditadura do Fundo Monetário. E no Estado do Rio de Janeiro, o sr. Mário Guimarães constata ser cada vez mais sólida a união nacional, pelas brés, de udenistas, pessedistas e petebistas, em torno de programas ligados às lutas do povo, isto é, ligados ao grande movimento de massas, que está empolgando o Brasil, segundo reconhece o sr. Bias Fortes.

«É uma realidade», reconhece o Governador de Minas. Os Peixotos e Lacerdas serão os últimos a saber.



ADVERTÊNCIA A JK: NÃO SOMOS UMA "REPÚBLICA DE BANANAS"

Em discursos recentes, dois deputados do PTB fizeram séria advertência ao sr. Juscelino Kubitschek. Primeiro foi o sr. Nelson Omega. Depois o sr. Oswaldo Lima.

Ao assumir o governo, disse o sr. Nelson Omega, na tribuna da Câmara, encontrou o sr. Kubitschek um acervo de erros, consequência de uma política deficiente. Referiu-se o representante de São Paulo aos magos financeiros brasileiros, de vários tipos, diferentes uns dos outros quanto a nuanças, mas todos eles semelhantes num ponto: no respeito supersticioso a determinadas fórmulas superadas pelos fatos.

O sr. Nelson Omega mencionou os srs. Whitaker, Gudin e Bulhões. Poderia incluir na lista os srs. Roberto Campos e Lucas Lopes. Na verdade, esses financeiros são executores de uma política tradicional, baseada no colonialismo, na sujeição de nossa economia à sede pantagruélica de lucro dos imperialistas.

No entanto o sr. Nelson Omega anuncia o surgimento, mesmo no pequeno mundo dos financistas, de uma cor-

rente nova, a dos nacionalistas, partidários do desenvolvimento econômico do Brasil, livre da pressão dos trustes internacionais. Para melhor se desvencilhar das armadilhas do Fundo Monetário, disse o sr. Omega, precisa o sr. Kubitschek dispensar a colaboração daqueles especialistas.

Dirigindo-se ao Presidente da República, o sr. Oswaldo Lima, também discursando na Câmara, advertiu que o sr. Kubitschek não deve dar ouvidos aos maus conselheiros. O Presidente da República precisa manter o rumo da emancipação econômica. Não podemos ficar reduzidos à condição de república de bananas da América Central, dirigidas pela United Fruit, disse o orador.

O sr. Oswaldo Lima, que substituiu na liderança do PTB o suspiro sr. Ferrari, tem a virtude de acordar os sonhos da maioria, com seus discursos. Assim, a maioria até há pouco apática, já se manifesta, através de aplausos, toda vez que se toca em pontos relacionados com nossa luta pela emancipação econômica.



Dep. Nelson Omega



# AÇÃO

ROBERTO MORENA

Diante dos múltiplos problemas que estão preocupando seriamente os trabalhadores de todo o nosso país, avulta o do contínuo e crescente custo de vida. Mal termina de ser elevado o preço de um produto, já se prepara o de outro. No Distrito Federal, a partir de 15 deste mês temos um aumento de 30% nas tarifas de luz e gás. Prepara-se a elevação de 40% nas dos ônibus e lotações. Estuda-se a dos bondes. Estas majorações, somadas dão um acréscimo substancial ao custo de vida, pois ninguém pode deixar de locomover-se, de utilizar luz e energia e, também, o combustível.

O movimento sindical tem tomado resoluções, tem se avistado com as autoridades públicas federais, estaduais e municipais. Apresentou já vários planos e sugestões. Mas até agora pouco resultado se obteve. Já apresentou propostas ao governo. Este declarou solenemente que ia empreender uma ação emergencial e permanente. Mas devido à ausência dessa ação em favor das coisas ficam paradas e, em certos casos, se agravam. E sem que se comece a solucionar os problemas aflitivos e angustiantes, as manifestações populares explodem e se propagam: Fortaleza, Belo Horizonte, Rio Grande do Sul, Niterói, Calceira, etc.

Os imperialistas norte-americanos (embuçados) no Plano Monetário Internacional ou em outros organismos desse tipo, resolveram apertar a luça e criar e multiplicar nossas dificuldades. Reclama-se uma ação energética do Presidente Juscelino, depois de seu pronunciamento ante suas imposições. O governo vacila, retarda em abrir os portos do Brasil para todo o mundo e ampliar o nosso mercado exterior. O Parlamento Nacional passa dias, semanas e meses para votar projetos destinados a regulamentar e limitar a remessa de lucros para o estrangeiro, a dar corpo à Eleição, a iniciar a reforma agrária, a concluir de vez a Lei Orgânica da Previdência Social e a regulamentação do exercício de direito de greve.

Necessitamos de ação para pôr em prática o que decidimos em comum, o que nos comprometemos a realizar. Os sindicatos precisam tomar essa iniciativa. Ao seu lado encontrarão homens de outras camadas sociais, que também reclamam medidas, para aliviar seriamente a crise econômica e financeira em que nos debatemos. Não se compreende e nem se admite a passividade e a ausência das federações, principalmente as dos Estados, das Confederações (com exceção da CNTI que, ainda se move um pouco) nessa luta, nesta ação de todos os trabalhadores, e de todo o povo.

Urge agora passar das palavras, dos planos, para a ação. Se não o fizermos todos nós, os nossos organismos, principalmente os sindicais, perderão a confiança das massas laboriosas. Este é o problema do momento, passar das palavras para a ação unida de todos os trabalhadores e do povo.

## MINISTRO QUERIA OUVIR E OUVIU

# TÊXTEIS (EM CONGRESSO) DESFIARAM CRÍTICAS AO MINISTÉRIO DO TRABALHO

### Participaram do conclave 195 delegados, entre os quais 30 operárias — Resoluções nacionalistas

Com a presença dos representantes do Presidente da República e do Ministro da Guerra, de parlamentares, líderes políticos, sindicais e estudantis, encerrou-se solenemente na noite do dia 21 do corrente, nesta Capital, o I Congresso Nacional dos Trabalhadores Têxteis.

O conclave contou com a participação de 195 delegados (109 representantes de fábrica e 86 dirigentes de Sindicatos e Federações), representando 13 Estados da Federação, a saber: São Paulo (66), Minas Gerais (40), Estado do Rio (20), Distrito Federal (15), R. G. Sul (10), Santa Catarina (11), Pernambuco (15), Paraná (2), Maranhão (2), Piauí (2), Paraíba (2), Alagoas (7) e Espírito Santo (3). Entre os delegados se encontravam 30 operárias, que tiveram atuação de destaque nos debates.

### Próximo Congresso

Ficou deliberado que o II Congresso Nacional dos Trabalhadores Têxteis será realizado em 1962 na cidade de São Paulo, e que a data dos

Têxteis passará a ser comemorada no dia 21 de abril.

O plenário do I Congresso, cujos trabalhos foram orientados por 8 Comissões de Proposições, aprovou, num ambiente democrático e de pleno entusiasmo, inúmeras teses relativas à melhoria salarial, contra o desemprego causado pela automatização da indústria, pela aprovação da Lei Orgânica da Previdência Social e da Lei sobre o direito de Greve, contra a carestia e pela melhoria do nível de vida dos trabalhadores, em defesa da indústria têxtil e de toda a indústria nacional.

### Presença do Ministro

O Ministro do Trabalho chegou de surpresa na sessão plenária de sábado último. A presidência da mesa, como é de praxe, convidou-o a fazer uso da palavra. O sr. Fernando Nóbrega, entretanto, recusou-se, dizendo que preferia participar um pouco da conclave e aproveitar a oportunidade para ouvir as críticas e sugestões dos trabalhadores ao seu ministério.

Disse que queria ouvir e ouvir:

1. Que na cidade fluminense de Campos, em Alagoas e em Pernambuco milhares de trabalhadores e suas famílias vivem-se desamparados de uma hora para outra, em consequência do fechamento de inúmeras fábricas de tecidos, sem que as autoridades, inclusive o Ministério do Trabalho, tomassem as medidas necessárias à garantia dos direitos dos operários.

2. Que a Delegação do Trabalho de Recife é importante e que embora o salário-mínimo de Moreno seja de Cr\$ 3.700,00, a maioria dos trabalhadores daquela cidade continua recebendo salários de 3 mil cruzeiros, sendo de ressaltar a situação de uma boa parte de operários têxteis, cujos salários não vão além de 250 cruzeiros semanais, numa cidade onde uma passagem de ônibus cheia de 21 km custa 16 cruzeiros.

3. Que no município fluminense de Magé os trabalhadores trabalham como escravos, movimentando um número de máquinas superior ao permitido por suas forças, morrendo prematuramente sobre os leitos que lhes arrancam as últimas reservas de energia, deixando-os à mercê do inevitável assalto da tuberculose arrasadora.

4. Que os poderosos Abdalás, proprietários da Fábrica Confiança, do Distrito Federal, não pagaram até hoje a bonificação de 10% devida aos trabalhadores desde 1956, e que os inspetores do MTI conhecem as irregularidades existentes ali mas preferem manter boas relações com proprietários da empresa.

5. Que em Alagoas são raros os industriais que pagam o novo salário-mínimo e que o Delegado Regional do Trabalho, embora denunciado como inimigo dos trabalhadores, foi promovido para cargo de maior realce em Pernambuco.

6. Que o Delegado Regional do Trabalho do Paraná viola sistematicamente as liberdades sindicais, intronizando-se até mesmo na atividade burocrática das entidades de classe, negando-lhes sequer o direito de contratar funcionários.

### Último Impacto

O secretário do ministro Fernando Nóbrega ia anulando todas as denúncias, mas o debate não pode continuar porque estava fora do regimento, embora tanto o ministro como os congressistas se mostrassem interessados no bate-papo extra, encerrado pelo titular da pasta do trabalho com a afirmação de que o capitalismo está sofrendo o seu último impacto, e que uma nova época se avizinha dos trabalhadores.

### Moções

Entre as 25 moções aprovadas pelo I Congresso dos Têxteis encontram-se as seguintes: pelo apressamento da emancipação da Cia de Força e Luz de Minas Gerais no término do seu contrato em novembro do cor-



Aspecto da mesa que dirigiu os trabalhos do I Congresso Nacional dos Têxteis, na ocasião em que falava o líder têxtil de Minas Gerais, Sinval Bambirra.



Cercadas pelo carinho da população paulista, as operárias da Tecelagem Santo André (foto), que constituem 90% dos trabalhadores da fábrica, sustentam há dois meses uma greve pela conquista de um aumento salarial de 25%.

## SANTO ANDRÉ

# JOVENS OPERÁRIAS

## 2 MESES EM GREVE

SAO PAULO (Do Correspondente) — Mais de 500 mil cruzeiros já foram arrecadados e enviados pelos trabalhadores paulistas aos têxteis da Fiação e Tecelagem de Santo André, que se encontram em greve há mais de dois meses reclamando um aumento salarial de 25%. A Prefeitura, inúmeros parlamentares e comerciantes por outro lado, vêm emprestando seu apoio à luta das grevistas, doando-lhes gêneros alimentícios.

**MENORES**  
Na Tecelagem Santo André de propriedade do grupo Colliherne Giorgi, cerca de 500 dos trabalhadores são meninas de 14 a 16 anos de idade que não vinham recebendo sequer o salário mínimo vigente na Região. Os grevistas, além de reclamar o cumprimento da Lei e o pagamento da melhoria salarial, exigem ainda melhores condições de trabalho, inclusive o pagamento da hora em que ficam paradas em virtude dos constantes desarranjos verificadas nas máquinas.

**GREVE DE SOLIDARIEDADE**  
Diante da intranquilidade dos patrões, que tentam em conceder aos grevistas um aumento de apenas 10%. Conclui na 7.ª página.

## MOVIMENTO SINDICAL

**FERROVIÁRIOS**  
Foi eleita a nova Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro, num pleito que contou com a votação de 9.340 associados. A chapa vitoriosa, que reuniu 5.310 votos, é encabeçada pelo líder ferroviário Demisthoelides Batista. Além da chapa vitoriosa mais duas concorreram ao pleito: a número 3, tendo à frente Pedro Afonso, conseguiu 3.216 sufrágios; a de número 2, encabeçada pelo sr. Antônio Talarico, 385 votos.

**MOAGEIROS**  
Realizar-se-ão, hoje (26) as eleições para a nova Diretoria do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Têxtil. Concorrerão duas chapas: a número 1, encabeçada pelo líder sindical Waldomiro Luiz da Silva; a número 2, por Nivaldo de Oliveira Nazareth.

**CORTUME**  
Os trabalhadores na indústria de cortume renovarão a diretoria de seu Sindicato. O pleito realizar-se-á hoje (26) e concorrerão 2 chapas. A número 1, encabeçada pelo sr. Mário Dupazza, e a número 2, pelo líder sindical José Vicente Alves.

**FUMAGEIROS**  
Em sessão realizada no dia 15, os trabalhadores das indústrias de cigarros elegeram a comissão para o julgamento de seus salários. A Diretoria do Sindicato, tendo à frente seu presidente, sr. Antonio Gonçalves, já entregou aos empregadores de um memorial, onde reivindica o aumento geral de 30 por cento.

## REUNIAO NACIONAL DE BANCÁRIOS

Dirigentes sindicais bancários de todo o país reuniram-se no próximo dia 27, em Recife para discutir o plano profissional de presidência do IAPB, o estatuto do trabalho no sábado, o reconhecimento da CONTEC, o estatuto do VIII Congresso Nacional dos Bancários e medidas de solidariedade aos bancários argentinos.

## DE 27 A 30: CONGRESSO DOS TRABALHADORES FLUMINENSES

Será instalado solenemente no próximo dia 27, às 20 horas, no Teatro Municipal de Niterói o II Congresso dos Trabalhadores Fluminenses. O conclave se reunirá entre os dias 27 e 30, constando do teorário a discussão de assuntos relacionados com o contrato de trabalho, previdência social, organização sindical, legislação social, sindicalização e apoio às federações nacionais, primeira reunião fluminense e outros assuntos de interesse dos trabalhadores.

## DEFENDE TEU DIREITO

Correspondência para: NOVOS RUMOS  
em Rua São João 59

B. CALHEIROS BOMFIM

Iniciamos, neste número, as respostas às consultas que, por meio de cartas, têm sido feitas ao redator desta seção.

**M.A.P.**  
O garçom não está sujeito a continuar a trabalhar com o empregador que mude o negócio de bar para confeitaria, e, muito menos, pode ser obrigado a servir café-expresso, mediante salário fixo, com supressão das gorjetas. Tal imposição constitui alteração contratual, acarretando, inclusive, mudança de categoria profissional.

**M.O.**  
O empregado que falta vários dias ao serviço, sem comprovação de doença ou outro motivo justificado, segundo o entendimento da Justiça do Trabalho, é passível de punição disciplinar. Há juizes que autorizam até a dispensa por essa razão, alegando que, embora o abandono de emprego só se caracterize com 30 dias de ausência ao trabalho, as faltas ao serviço, mesmo que sejam poucas, revelam desinteresse do empregado, procedimento desidioso. Cumpre lembrar que, para os Tribunais, a falta aplicada ao empregado não pode ser graduada, vale dizer: constatado o ato faltoso, justa é a pena imposta, quer tenha sido suspensão ou dispensa. So para a demissão dos empregados estáveis é que se exige que a falta seja grave.

**D.T.**  
Pela lei, o empregado que ganha por tarefa não pode perceber menos que o salário mínimo. Assim, em princípio,

o fato de o empregador não proporcionar ao seu servidor serviço suficiente para atingir aquele quantum, é causa para rescisão do contrato, por culpa do patrão. Todavia, e como de costume, — o assunto não é pacífico na Justiça do Trabalho, que, às vezes, acha legal pagar-se ao tarefeiro abaixo do salário mínimo, se este não foi alcançado por deficiência pessoal do empregado. Isto é, quando a empresa não seja culpada da pequena produção do trabalhador. Perceba-se que certa está a corrente que considera que, se o empregador entende que o empregado é culpado de sua pequena produtividade, assiste-lhe o direito de dispensar o mesmo, uma vez provado o fato, mas isso não lhe dá o direito de pagar menos que o salário mínimo ao trabalhador.

**J.P.C.**  
Uma vez que não tenha saído da casa há mais de dois anos, pode o empregado reclamar a anotação de sua carteira profissional, seja qual for o tempo trabalhado sem registro. O que se exige é que o reclamante boa prova nesse sentido. Este tem sido o entendimento dominante na Justiça do Trabalho.

**A.T.**  
As férias do empregado que tenha salário fixo devem ser pagas de acordo com o salário vigente na época em que ele entrou em gozo das mesmas. So para os tarefeiros e os comissionistas é que se deve tomar por base a média do salário do período aquisitivo.

# DESAPARECERÁ O TRIGO DAS COXILHAS DO RIO GRANDE?

PAULO SCHILING

Em meados do século XX, o Rio Grande apresenta uma característica interessante — a coexistência da pequena, média e grande propriedade na maioria dos municípios gaúchos. Duas regiões fisiográficas, entretanto, a Fronteira e a Colônia, desenvolveram-se em sentidos antagônicos, sendo hoje apontadas acertadamente, como representantes do latifúndio e da pequena propriedade. A Fronteira caracteriza-se pelas grandes propriedades rurais, tendo como atividade econômica a pecuária extensiva e rudimentar. A Colônia, pela pequena propriedade e pela exploração agrícola intensiva, sendo os métodos também rudimentares; apesar disso, os números apresentados a seguir constituem um libelo contra o latifúndio.

Os dados estatísticos são dos anos de 1951 e 1952 (propositadamente não foram tomados dados recentes, pois a partir daqueles anos "algo de novo" começou a modificar a situação na zona fronteira) e estabelecem um confronto entre as duas regiões típicas. A Fronteira, cuja área representa 31,79% da área do estado, apresentava somente 11,87% da população estadual; a Colônia, com apenas 8,8% da área, abrigava 21,17% da população gaúcha.

Na Fronteira, as propriedades com mais de 50 ha representavam 76,39% da área total; na Colônia, essa porcentagem era de somente 4,85%. O índice vital na região era de 225,6, contra 441,1 na Colônia, sendo, portanto, o crescimento populacional duas vezes maior. Apesar de ser a criação de gado bovino atividade absolutamente secundária para o colono, o valor dos rebanhos bovinos existentes por km<sup>2</sup> na zona colonial era de Cr\$ 38.010,00 contra Cr\$ 55.550,00 na região fronteira. Em contrapartida, o valor da produção agrícola na Colônia era de Cr\$ 80.456,00 por km<sup>2</sup>, para Cr\$ 5.757,00 na zona fronteira.

Apesar de a população urbana da zona colonial ser de somente 18,5% do total da mesma, existiam na região 5.936 estabelecimentos industriais, ocupando 43.181 operários com uma produção de Cr\$ 3.972.590.803,00; na Fronteira, onde a porcentagem da população citadina al-

cançava 43,7%, o número de estabelecimentos fabris era de somente 554, com 5.596 operários e uma produção de Cr\$ 932.803.229,00. Consequência desse subdesenvolvimento econômico, a Fronteira arrecadava para os cofres públicos Cr\$ 4.028,50 por km<sup>2</sup>, enquanto a Colônia recolhia Cr\$ 31.455,50. Essa a situação do Rio Grande do Sul no início da década de 50; de um lado, uma relativa prosperidade; do outro, um pauperismo aniquilador.

## O ÊXODO DOS CAMPOS E OS MARGINAIS

O pastoreio errante, característica do início da pecuária gaúcha, as guerras de fronteira e as revoluções, obrigavam o fazendeiro a manter um número relativamente grande de dependentes, "doublets" de peões e guerreiros. Foi o ciclo do clã ruralista, do tropeiro-soldado do "estancieiro-chefe militar", no dizer de Váiter Spalding; esse ciclo está no fim.

A classe dos peões de fazenda, desprezada sua finalidade militar, tende a extinguir-se. Enxotados do campo, os peões de fazenda e os pequenos agricultores despojados da terra, iniciam um êxodo trágico. É a corrida atrás do trabalho nas lavouras de arroz, na época da colheita, ou nas charqueadas e frigoríficos, na safra de carne, culminando num acomodamento precário nos subúrbios das grandes cidades. A evolução da indústria gaúcha, em ritmo muito mais lento do que a paulista, não conseguia absorver a mão-de-obra tornada excedente no campo. Estava criado o problema do "marginalismo". Uma verdadeira legião de lumpenproletariado de bombachas veio acampar ao redor das cidades rio-grandenses.

## A ECONOMIA DO RIO GRANDE NUMA PASSAGEM DE NÍVEL

Os estudiosos da época analisam a crise que enfrenta a economia tradicional do Rio Grande. «É indubitável, pois, que a economia pecuária gaúcha esgotou sua capacidade

Sob o título acima, o economista e triticulor PAULO SCHILING, pronunciou uma conferência no ISEB. Trata-se de valioso estudo em que o autor indica as origens de latifúndio no Rio Grande do Sul, analisa a penetração capitalista no campo gaúcho com o desenvolvimento, inicialmente, da cultura do arroz e, depois, da cultura do trigo, examina os efeitos do Acordo do Trigo Americano, como tentativa de liquidação da triticultura nacional, e conclui apresentando a situação atual do problema, para levantar uma interrogação: "Desaparecerá o trigo das coxilhas do Rio Grande?"

NOVOS RUMOS divulgará em edições sucessivas os principais trechos dessa conferência. Iniciamos hoje com a publicação da parte referente à economia do Rio Grande do Sul no meado do século.

de ganhar novos impulsos, uma nova ordem de trabalho está sendo exigida no sentido de criar atividades novas...», escreve Limeira Tejo.

tendo como bases o latifúndio, a exploração pastoral extensiva e rudimentar, as relações feudais de produção estava podre e condenada, porém ainda se mantinha de pé. Isso nos

é revelado pelo quadro que damos abaixo, onde foi feito um estudo comparativo entre os censos de 1940 e 1950, no que se refere à propriedade rural no Rio Grande.

## A Distribuição da Terra no Estado do R. G. do Sul

### N.º DE ESTABELECIMENTOS RURAIS, ÁREA DOS MESMOS, EVOLUÇÃO ENTRE OS CENSOS DE 1940 E 1950

ÁREA TOTAL DO ESTADO: 267.455 km<sup>2</sup>, ou 26.745.500 ha

GRUPOS DE ÁREA Ha	ESTABELECIMENTOS		ÁREA DOS MESMOS		%
	1940	1950 (+ ou -)	1940	1950 (+ ou -)	
Menos de 10 Ha. . . . .	37.457	47.724 + 10.267	209.976	286.340 + 56.364	+27,1%
de 10/20 . . . . .	52.866	78.043 + 25.177	735.261	1084.998 + 349.737	+47,5%
de 20/50 . . . . .	87.588	105.729 + 18.141	2607.377	3105.507 + 498.130	+19,1%
de 50/100 . . . . .	25.966	27.502 + 1.536	1734.217	1842.609 + 108.392	+6,3%
de 100/200 . . . . .	11.119	11.599 + 480	1543.561	1599.879 + 56.318	+3,7%
de 200/500 . . . . .	8.332	8.661 + 329	2607.661	2694.008 + 86.347	+3,3%
de 500/1000 . . . . .	3.864	3.887 + 23	2694.143	2709.793 + 15.650	+0,6%
de 1000/5000 . . . . .	3.253	3.288 + 35	6223.563	6384.136 + 160.573	+2,6%
de 5000/10.000 . . . . .	226	247 + 21	1491.642	1608.593 + 116.951	+7,8%
de mais de 10.000 . . . . .	41	51 + 10	594.394	773.722 + 179.328	+30,0%

Da análise do quadro, podemos tirar as seguintes conclusões:

1.º — No período de dez anos decorrentes entre os dois censos, registrou-se uma ocupação mais efetiva da terra no Rio Grande,

aumentando a área das propriedades rurais em 1.627.560 ha, ou seja, um aumento de 8%.

A área total das propriedades rurais, de 22.069.375, representa 82,53% do ter-

ritório do estado, sobrando 4.676.125 ha de áreas urbanas, próprios do Estado e terras devolutas. Não temos elementos para calcular a quanto se eleva o total de terras devolutas. Como termo de comparação, damos a área das propriedades rurais em todo o País: 232.211.106 ha, ou sejam 27,28% do território.

2.º — Registrou-se um aumento de 56.011 estabelecimentos, sendo 53.585 de menos de 50 ha. Esse aumento do número de Pequenas propriedades não foi conseguido, entretanto, à custa do latifúndio, mas sim, como decorrência da incorporação de terras devolutas.

3.º — Em 1940, a distribuição da área entre os diversos tipos de propriedade, grandes (mais de 500 ha), médias (de 50 a 500 ha) e pequenas (até 50 ha) apresentava os seguintes índices: 53,7%; 29%; 17,3%. Em 1950, a proporção era: 53%; 27,8%; 20,2%. Houve, assim, uma leve melhoria global para o grupo das pequenas propriedades.

4.º — Verificamos, entretanto, a área média das pequenas propriedades, vemos ter havido uma diminuição de 20 Para 19,3 ha; a área dos estabelecimentos médios também baixou de 130 para 128 ha, enquanto a das grandes fazendas aumentou de 1490 ha para 1536. Isso demonstra, evidentemente, que apesar da crise que atingia a pecuária, o latifúndio ainda se mantinha.

5.º — O aumento das propriedades com mais de 10.000 ha, 41 em 1940 para 51 em 1950, com um aumento de área de 30%, passando a área média de 14.500 ha para 15.150, constitui outra prova nesse sentido.

Essa a situação do campo gaúcho em 1950. Uma nova ordem de trabalho estava sendo exigida no sentido de criar atividades novas.

## APOIO À ENCAMPAÇÃO DA BOND AND SHARE

MAMANGUAPE (Do correspondente) — A Câmara municipal desta cidade aprovou, por unanimidade, a requerimento do Vereador José de Oliveira Ramos, moção de aplausos ao povo gaúcho e ao governador Brizola pela encampação da Bond and Share.

## LAVRADORES DE CAXIAS AMEAÇADOS DE DESPEJO

Cerca de 100 famílias de lavradores de Pedra Lisa, localidade situada no município fluminense de Duque de Caxias, encontram-se ameaçadas de despejo em virtude da decisão do juiz local que se manifestou favorável ao pedido de reintegração de posse da Fazenda, requerido pelo latifundiário Vilela Junqueira.

O antigo governador fluminense, sr. Miguel Couto Filho, havia concedido aos lavradores o direito de permanecer nas referidas terras. Em virtude disso, e porque ali se encontram localizados há vários anos, os lavradores estão dispostos a apelar para todos os recursos visando a assegurar a posse da área que ocupam.

# ASSEMBLÉIA DA BAHIA: REATAMENTO DE RELAÇÕES

SALVADOR (Do Correspondente) — Subscrita por quarenta deputados, dois terços de seus membros, partindo a Assembleia Legislativa da Bahia aprovou, por unanimidade, uma moção pelo reatamento de relações comerciais, entre o Brasil e a

União Soviética e demais países socialistas. Falaram, na ocasião, deputados de todos os partidos, apoiando a posição do Presidente da República ao repelir as imposições do Fundo Monetário Internacional, e apontando o comércio com a URSS como um dos

ASSINE "NOVOS RUMOS"

## REVERSÃO DA ENERGIA AO MUNICÍPIO

FEIRA DE SANTANA (Do Correspondente) — A Câmara de Vereadores deste município aprovou, por unanimidade, um requerimento ao prefeito Arnold Silva, pedindo a reversão para a municipalidade dos serviços de energia elétrica atualmente a cargo da CEEB (subsidiária da Bond and Share), cujo contrato de concessão expira no dia 28 de agosto próximo. Na mesma oportunidade foi formada uma comissão, constituída dos vereadores João Durval Carneiro, Humberto Mascarenhas, Colbert Martins, Antônio Araújo e Altamir Lopes para estudar o problema da distribuição de energia elétrica no município.

## ITIUBA EM DEFESA DA PETROBRAS

ITIUBA, Bahia (Do Correspondente) — Apresentado pelos vereadores João Dória de Moura, João Climaco de Matos, Segundo Souto de Sá, Ricardo Beneditos Azevedo e Manuel Rafael de Oliveira, a Câmara de Vereadores aprovou, por unanimidade, uma moção dirigida ao Presidente da República e à Câmara dos Deputados protestando contra as recentes manobras visando a Petrobras e a entrega de terras da Amazônia a empresas norte-americanas, por constituírem estes fatos perigosa ameaça à integridade de nossa Pátria.



## JORNALISTAS CHINESES NO BRASIL

Quatro jornalistas chineses, que estão percorrendo vários países da América Latina, estiveram no Brasil. São eles: Yao Chen, presidente da Associação de Jornalistas da China, Chang Chi-Ching, redator-chefe do "Ta Kung-Pao" (O Imparcial), Kao-Hsi, do "Jemin Ji-Pao" (Diário do Povo) e Yang En-Sui, intérprete e repórter de um jornal da juventude chinesa.

Na Associação Brasileira de Imprensa, durante uma entrevista coletiva (na foto, o presidente Herbert Moses ladeado pelos colegas chineses), os jornalistas da terra de Mao Tse-Tung falaram sobre seu país e revelaram o interesse e a simpatia lá existentes pela América do Sul, particularmente o Brasil. Quase diariamente são publicadas notícias sobre a vida econômica, cultural e política do nosso país. Várias obras literárias foram traduzidas e publicadas. A música folclórica é difundida pelo rádio. Os artistas brasileiros que lá se exibem são aplaudidos. Nossa arquitetura é apreciada e alçada.

Yao Chen, chefe da delegação, disse que todo esse interesse pelo Brasil se justifica porque "ambos os países vivem a mesma sorte", com amplas possibilidades no futuro. Lá, nos últimos dez anos, registraram-se enormes transformações. A produção de aço, por exemplo, de 900 mil toneladas anuais passou para 11 milhões no ano passado e este ano irá a 18 ou 20 milhões. Na agricultura, o atraso antes era tanto que importavam cereais: comiam arroz norte-americano. Agora, apesar de ainda não atingida uma situação satisfatória, já é possível exportar uma pequena parte. E também são alcançados êxitos na séria luta travada pelo desenvolvimento da educação, das ciências, da técnica. Para prosseguir nesse caminho de progresso e bem-estar, o povo chinês precisa de tempo e, sobretudo de paz, bem como da solidariedade de todos os povos do mundo.

Alguns dias permaneceram no Brasil os jornalistas chineses. Foram a São Paulo. Pretendiam ir também a Brasília.

## ESTUDANTES BAIANOS DEFENDEM A PETROBRAS

SALVADOR (Do Correspondente) — As entidades representativas dos estudantes baianos, universitários e secundaristas, divulgaram um manifesto em que se colocam contra a exigência, formulada por uma comissão criada pela Conferência do Petróleo, recentemente realizada sob o patrocínio do jornal "A Tarde", de serem destinados pela Petrobras a este Estado 30% dos royalties sobre a produção petrolífera da Bahia.

O subsolo pertencer à União, a vigência do monopólio estatal do petróleo e não apenas uma determinação legal, mas resultado da vontade reiteradamente manifestada do povo brasileiro de preservação da Petrobras — empresa que seria de capitalização e levada a ruína caso aquela exigência fosse atendida. O manifesto das duas entidades estudantis conclui afirmando que "as reivindicações regionais devem dobrar-se, antes de tudo, as exigências do desenvolvimento nacional, atendendo aos interesses da Nação".

# O Socialismo Contra a Mitologia

Ainda há pessoas que preferem calar-se ou que, inconscientemente, admitem que tudo que se faz em nome do socialismo é justo. Somos responsáveis pelo objetivo para o qual caminhamos. Mas é como se esse objetivo inatacável nos libertasse, de certa forma, de toda responsabilidade pelos acidentes ocorridos no caminho. Como se a nobreza do objetivo se projetasse para o passado — e justificasse os meios.

Não se trata, todavia, de responsabilizar mais uma vez a antiga máxima do fim justificando os meios, que não é senão um caso extremo, em caso particular dessa atitude. Trata-se de outra coisa bem diferente. Essa atitude, com efeito, parece atribuir aos meios que empregamos um caráter metafísico e irracional, não leva em conta a necessidade de confrontar-se continuamente os métodos aplicados com a realidade objetiva que nos faz agir, não se preocupa em controlar incessantemente a eficácia da nossa atividade.

Podemos citar dois fatores determinantes dessa atitude. O primeiro, que se poderia chamar de sociológico, é a convicção, de algum modo fundada historicamente, de que é preciso submeter a maioria da sociedade às modificações operadas nas estruturas sociais e econômicas. A maioria — inclusive as classes em cujo interesse se processaram essas transformações — sob a ação conjugada do hábito, do apego à tradição, de uma omissão espontânea em relação a tudo que é novo e da ação combinada das classes hostis às reformas, opõe às modificações uma resistência mais ou menos declarada.

No correr dos séculos, as massas aprenderam a desconfiar dos políticos e dos dirigentes; são os agora os tributários dessa desconfiança — e, para sermos sinceros, é preciso reconhecer que até agora não fizemos muita coisa para mudar esse estado de espírito. Em suma, essas apreensões da maioria social, de certo modo bem fundadas, fazem com que os políticos se sintam muitas vezes autorizados a não considerar senão uma parte da opinião crítica das massas, achando que o resto nada mais é que o resultado do seu conservantismo inato, nada mais é que uma atitude redondamente retrógrada.

## DIRIGENTES E POVO

Isso só pode acarretar consequências graves e perigosas. Os critérios se esvaem e o freio representado pela opinião pública contra as atitudes irrefletidas e falsas deixa pouco a pouco de funcionar. Esse estado de coisas pode produzir dissensões (e produz mesmo, inevitavelmente), de todas as espécies, entre os dirigentes e o povo — o que leva a uma situação contrária, por definição, aos princípios do marxismo e ao regime socialista. Em tal situação, o problema de salvaguardar uma relação nacional entre o objetivo visado e os meios através dos quais é buscado (entre o futuro postulado e a realidade concreta de cada dia) nada mais é senão resultado do acaso, não dependendo senão do talento

pessoal de alguns dirigentes, do seu senso de responsabilidade, da sua prudência e da sua previsão — com o que, como a história nos ensina, não se pode contar muito. Por outro lado, quando deixamos de contar com a opinião pública (mesmo se, de início, tivéssemos para isso as melhores razões do mundo) uma vez nesse caminho, vemos que a marcha posterior dos acontecimentos obedece a uma dinâmica própria. Torna-se então extremamente difícil travar ou fazer uma curva — cada mudança de direção é necessariamente acompanhada de um choque violento.

## SOCIALISMO E REALIDADE

O segundo fator da atitude, citado no início, é puramente mitológico. Consiste em considerar o termo "socialismo" como se bastando a si próprio e não necessitando ser permanentemente confrontado com a realidade. "Socialista" torna-se, a priori, sinônimo de "melhor", "superior", "mais perfeito" e nós nos consideramos dispensados de dever procurar o que realmente é melhor e superior nesse fenômeno que qualificamos de socialismo. E uma vez que temos, naturalmente, tendência a generalizar, a achar que tudo que existe e tudo que acontece num Estado socialista é necessariamente socialista, vamos assim ao encontro de atos enganos na vida social. Daí provêm as bem frequentes situações em que os militantes do socialismo exaltam a excelência de um fenômeno apesar da opinião omissa ou, muitas vezes, crítica das massas. E, nessa situação, em vez de trabalhar para tornar mais visível aos olhos de todos a excelência desses fenômenos, frequentemente nós nos contentamos em recrudescer a propaganda.

Enquanto se desenvolvia o movimento revolucionário, elementos oriundos das utopias pré-marxistas, dos quais se viam tantas variedades no século XIX, insinuaram-se subrepticiamente e foram conscientemente introduzidos na teoria marxista.

As especulações teóricas a respeito do desenvolvimento da futura sociedade socialista, do seu caráter, etc., eram outros fatores propícios ao surgimento dos frutos da utopia. Uma das primeiras deformações do marxismo era a de acreditar que os princípios teóricos, apresentados por Marx e Engels, constituíam uma base suficiente para a elaboração, a priori, de uma concepção do Estado socialista como tal.

## INDIVÍDUO E SOCIEDADE

Outra deformação do marxismo era a de crer que o Estado socialista concederia imediatamente uma liberdade quase absoluta e resolveria, por definição, todos os conflitos entre o indivíduo e a sociedade. E mesmo a destruição dessa utopia por Lenin, com a apresentação de sua tese sobre a ditadura do proletariado, como etapa interdiária indispensável, não solucionou todos os problemas práticos do poder socialista; tais problemas não podiam existir senão

## Wladislaw Bienkowski

(Ministro da Educação da Polônia)

em circunstâncias históricas concretas. Essa ditadura do proletariado pode e deve revestir-se de formas sociais diversas, num país possuidor de uma longa tradição democrática burguesa, num país adiantado do ponto de vista econômico, de formas sociais adequadas a um país que não seguiu a mesma curva de desenvolvimento.

A convicção puramente mitológica e, todavia, bastante difundida entre os militantes da revolução social, segundo a qual a derrubada do capitalismo assinalaria uma linha demarcatória além da qual "tudo marcharia de outro modo", além da qual as antigas leis deixariam de ser aplicáveis, a sociedade mudaria e os homens também, demonstrou ser bastante perigosa. A luta heróica pela revolução social, luta que necessita de tantas vitórias, criava miragens: as pessoas acreditavam que no exato momento em que o poder fosse arrancado dos capitalistas, tudo se modificaria como por encanto. Tratava-se de uma atitude puramente fidelista, baseada na fé, na propriedade mágica da palavra "socialismo". Foram necessárias as experiências difíceis e algumas vezes cruéis dos primeiros anos de realizações para que se pudesse compreender que a edificação socialista não é um salto no desconhecido, onde as leis da gravitação não têm vez, num mundo onde a questão social torna-se perfeitamente maleável e submetida às transformações que os homens lhe infligem.

As leis do desenvolvimento econômico, as leis das transformações estruturais da vida social são as mesmas cuja descoberta devamos ao gênio de Marx e que ele queria exatamente empregar para racionalizar e acelerar o desenvolvimento social. Em poucas palavras, a revolução social ainda não representa, por si própria, um salto no "país da liberdade absoluta" e isso, tanto para os "governados" como para os "governantes". Hoje, cada vez mais se chega à convicção de que há mesmo qualquer coisa em comum entre o capitalismo e o socialismo: é que em cada um desses regimes o que convém simplesmente é trabalhar bem. (Durante bastante tempo, muitos acreditaram que no regime socialista o bom trabalho podia ser vantajosamente substituído pela "boavontade", por "uma atitude socialista" e lutas tolices dessa espécie).

## POSSIBILIDADE E REALIDADE

E verdade que o regime socialista oferece possibilidades novas de aumentar consideravelmente a eficácia do trabalho humano, do esforço social (por diversas razões, cuja enumeração aqui seria demasiado longa). Mas "oferecer possibilidades" não significa absolutamente "realizar automaticamente essas possibilidades", trata-se, isso sim, de explorá-las.

Hoje, quando temos os prognósticos e previsões dos políticos e economistas de 1948 (no momento

em que foi aprovado o primeiro plano sexenal) o que salta à vista é o seu romantismo utópico, por vezes desolador. Revela-se aí, mais de uma vez, a convicção de que estávamos então libertados, de uma vez por todas, das leis da gravitação e que podíamos atingir níveis tão elevados quanto quiséssemos, ou quase isso.

Hoje sabemos que as leis do desenvolvimento econômico numa sociedade socialista não diferem muito das que observamos na sociedade capitalista (segundo o que nos ensinava Marx), com a única diferença de ter sido o caminho do desenvolvimento social desbaratado de inúmeros obstáculos, ter se tornado mais cômodo, mais exequível, de a força motriz do desenvolvimento ter sido vigorosamente duplicada. Mas isso não quer dizer que todos os obstáculos foram eliminados — alguns ainda obstruem o caminho e, algumas vezes, nós acrescentamos novos entraves aos já existentes.

## ATITUDE UTÓPICA

Após a revolução socialista, podíamos observar um resto dessa atitude utópica e mitológica em relação ao socialismo, o que, às vezes, podemos verificar ainda hoje; refiro-me à impaciência que caracteriza um grande número de militantes políticos. Desejariam transformar tudo o mais rapidamente possível, e a resistência que a matéria social lhes oferece e, na sua opinião, o ritmo de demasiada lento dessas transformações, colocam nos frequentemente num estado de extrema irritação.

E um problema cujo alcance prático não se saberia avaliar com exatidão. Com efeito, segundo se avalia o tempo necessário para a realização de uma transformação —

cinco, vinte anos, etc. — utilizam-se meios diferentes, empregam-se métodos diferentes. Determinar o tempo indispensável às transformações, principalmente no terreno da consciência social — a ideologia e a cultura, as formas da vida social — acarreta implicitamente o perigo da convicção idealista de que podemos transformar à vontade esses fenômenos, independente das condições materiais que condicionam a sua formação

## SALDOS E DÉBITOS

Quanto aos erros e tolices foram cometidos, cometidos por nós, em particular, em virtude dessa concepção idealista, errônea, de que agora todas as transformações (sobre tudo no que concerne à consciência) são apenas uma questão de boavontade. Cometemos no passado, e atualmente ainda cometemos, graves erros, desejando acelerar o desenvolvimento do socialismo, ultrapassando as leis do seu desenvolvimento. Quantas vezes nos contentamos com as aparências, quantas vezes exibimos orgulhosamente a lista de saldos do nosso livro de contas, fechando os olhos a respeito da lista de débitos? Era a essas nossas impaciências que Lenin se referia ao escrever: "é melhor fazer menos, mas melhor". Esse "melhor", na contabilidade de Lenin, quer exatamente dizer "mais" — não o "mais" ilusório de hoje, mas o "mais" verdadeiro de amanhã. Ainda hoje, em mais de um militante, pode-se perceber muita impaciência, quando não irritação, ao ser constatado que nem tudo se desenvolve de acordo com os planos anteriormente previstos. Muito frequentemente tentou-se explicar essas equívocas atitudes da luta de classes. Seria interessante analisar mais de perto o fenômeno complexo, e de grande importância para a nossa atividade prática, que constitui a luta de classes, mas contentemo-

nos aqui em afirmar que, mais de uma vez, ele adquiriu o caráter de uma causa mítica, bem como para explicar tudo aquilo que, na dinâmica da vida social, parecia incompreensível e pouco claro (ou, às vezes, desagradável de constatar). Quantas vezes essa fórmula não serviu para desculpar todos os nossos erros e nossos defeitos, quantas vezes ela não nos eximiu de procurar mais profundamente as causas disso?

## CONSEQUÊNCIAS SOCIAIS

A prática de envolver com mitos os fenômenos e as noções tem consequências sociais. Aqui temos de falar de dois processos: o primeiro consiste em separar as generalizações do contexto objetivo que é a realidade, e o segundo, inversamente, em formular diretrizes práticas à base dessas construções "puras", livres de todo o empirismo terrestre.

A linguagem é o melhor elemento de persuasão dessa fumação das noções. A palavra de ordem que lançamos com a noção: "Construamos o Socialismo" é sem dúvida comvente e grandiosa. E a abreviatura metafórica de um grande programa de modificações em todos os terrenos da vida social, de um programa de transformações decisivas das condições materiais de nossa existência e das relações sociais. O conteúdo concreto dessa noção é explicado por minuciosos planos de ação, cujo alcance atinge a vida de hoje e a de amanhã.

Há perigo, onde essa grande generalização começa a substituir os conteúdos minuciosos, quando ela é empregada onde havia necessidade de diretrizes concretas. E então que a noção de socialismo vem em socorro da nossa indolência ou da nossa incompetência, da nossa fraqueza ou da nossa ignorância. Quantas vezes ela nos exime da análise crítica desse ou daquele setor da realidade

de, dessa ou daquela consequência dos nossos atos, quantas vezes ela nos exime, pura e simplesmente, de pensar.

## PRESERVAR AS RAÍZES

Quantos relatórios, discussões e diretivas reduzem-se frequentemente no seguinte esquema: O que constitui para nós a tarefa mais urgente? — A construção do socialismo; — Em que sentido queremos transformar as relações sociais? — Num sentido socialista. Por intermédio de que métodos? — De métodos socialistas. Como educar a jovem geração? — De modo a fazer dela uma geração de construtores do socialismo. Qual é o nosso ideal educativo? — O ideal socialista, etc., etc. — damos multiplicar infinitamente os exemplos — entre essas respostas encontramos, também a famosa resposta à pergunta: qual deve ser a nossa literatura? — E claro que é socialista (e realista).

Podem-se afirmar que isso não é senão um modo de falar, característico do nosso tempo, que nada mais é que um aspecto ritual da nossa vida. Infelizmente, abundam os exemplos de situações em que essa espécie de frase era suficiente para toda e qualquer diretiva; prática que ascerneia das exigências da vida e teoria que ignorava as leis da vida.

Tinha-se, às vezes, vontade de colocar no índice as pessoas que não abusavam das palavras "socialismo" ou "socialista". E tempo de formular outra coisa além das metáforas ou generalidades, dizer o que convém fazer e como fazer, e tempo, enfim, de pensar!

E tempo de tapar as fendas através das quais a utopia, outrora expulsa por Marx do pensamento socialista, infiltra-se novamente em nossa ideologia, sob a forma de névoas míticas. O marxismo fixou solidamente na terra o pensamento humano, permitindo-lhe aumentar e desenvolver-se. Tratemos de preservar as suas raízes.

# ANTI-FRANQUISTAS: UNIDADE DE AÇÃO

As forças antifranquistas tiveram convocada para 18 de junho, vigésimo aniversário do término da guerra civil em Espanha e do advento da nefasta ditadura de Franco — uma greve geral de 24 horas.

Durante cerca de dois meses toda a Espanha viveu em função dos preparativos desse movimento. Por todo o país foram distribuídos milhões de volantes esclarecendo as grandes massas sobre a verdadeira situação econômica e financeira da Espanha e as péssimas condições de vida impostas aos trabalhadores. Nesse trabalho de agitação estiveram unidas diversas forças antifranquistas: comunistas, socialistas, católicos e outros elementos sem definição partidária ou ideológica. As agências telegráficas internacionais (UPI, France Presse e AP), apressaram-se a anunciar o fracasso do movimento de 18 de junho. Baseavam-se em que para chegar a esta conclusão? Dispunham de uma única fonte: a imprensa de Franco, pois somente ela tem livre circulação.

Ainda é cedo, naturalmente, para concluir-se o que de fato houve no dia 18 de junho. Mas ninguém pode negar — porque inclusive o reconhecimento oficial antifranquista — os seguintes fatos:

1. Realizaram-se mais de 200 prisões. Entre os presos se encontram personalidades conhecidas da oposição como os comunistas Sanchez, Montero, Abelardo

Junqueira e Lonato; o dirigente estudantil Enrique Mujica, o líder católico Ceón Ayaso (diplomata franquista); e o socialista Jaime Rubio, Martín Santos e Santiago Antón.

2. Medidas preventivas de caráter policial foram tomadas por Franco: forças de proteção nas principais cidades e centros industriais.

3. Sobre a prisão do diplomata Ceón Ayaso autoridades franquistas emitiram uma declaração na qual dizem textualmente: "Ceón participou ativamente das manifestações subversivas contra o governo, particularmente por ocasião da greve geral anunciada para 18 de junho e para a qual diversos grupos políticos haviam se legitimamente elaborado com o Partido Comunista".

4. Líderes católicos aderiram a Franco uma petição em favor de amnistia geral para os presos políticos.

Estes são fatos. Fatos que mostram a unidade de ação das forças políticas antifranquistas. Fatos que mostram a inutilidade dos esforços de certos setores de apoiar os comunistas. Fatos que comprovam a mentira que é afirmarse que os comunistas apriram sorrisos, pretendendo desmentar a impressão de que somente eles lutam contra o tirano de Franco.

Assim, mais uma vez, em toda a Espanha, as forças vivas do povo espanhol demonstraram sua determinação de derrotar a odiosa ditadura que há 20 anos oprime o país.

## Jovens...

(Conclusão da 5ª pag.)  
Quando o custo da vida nos países latinos chegou ao nível de 23,6% os trabalhadores de Santo André, São Ciriaco e São Bernardo (por deliberação do Partido de Unidade Interindustrial) estão organizando uma greve necessária ao desenvolvimento da greve para todo o centro das cidades que não são sustentadas por dinheiro atribuído para as instituições de previdência da Previdência Social de São Paulo. Enquanto isso, estão sendo realizadas as preparações para a realização de uma grande passeata programada para o próximo dia 3 de julho, que será uma das maiores manifestações de massa em todo o Brasil.

NOVAS LUTAS  
Ao mesmo tempo em que se realizam as manifestações dos estudantes de São Paulo e Santo André, os trabalhadores de São Paulo realizaram uma greve geral de 24 horas para o dia 18 de junho, que será uma greve geral de caráter nacional em homenagem ao aniversário do fim da guerra civil espanhola. A greve foi realizada em todas as cidades do Brasil, com exceção de São Paulo, onde os trabalhadores não realizaram greve.

Teoria e prática

A BURGUESIA NA REVOLUÇÃO BRASILEIRA

IV

A PRESSÃO DE MASSAS

RESPOSTA AO LEITOR RUI NOGUEIRA CHAVES (CAMPOS — ESTADO DO RIO)

Pergunta o leitor: que conclusões práticas podem resultar da tese, segundo a qual o governo do sr. Kubitschek é sensível à pressão das massas?

A tese a que se refere o sr. Rui Nogueira Chaves decorre da constatação do caráter heterogêneo, contraditório, do atual governo. Eleito à base de um compromisso entre setores reacionários e setores progressistas da sociedade brasileira, o governo atual não segue, em sua política, uma linha consequente, orientada firmemente em determinado sentido. Os diferentes interesses de classe nela representados lutam permanentemente entre si para impor à política do país os rumos que melhor correspondam a esses interesses divergentes. Essa contradição se manifesta sob especial nitidez através da existência, no seio do governo, de um setor nacionalista ao lado de um setor abertamente comprometido com os monopólios imperialistas. É uma contradição que, caracterizando o governo desde os seus primeiros dias, se torna particularmente clara nos momentos em que se acentuam as dificuldades do país e se evidencia a necessidade de uma política nacionalista consequente. É o que acontece agora mesmo, em face do rompimento de negociações com o PMI.

A heterogeneidade do governo, que se inclina ora para um lado ora para outro, faz com que ele seja sensível à pressão, maior ou menor, das forças sociais que lutam entre si para impor-lhe os rumos que sirvam melhor aos seus objetivos — nacionalistas e progressistas ou reacionários e entreguistas.

Isto significa que a pressão das massas — ou em termos mais amplos, das vastas forças interessadas no progresso independente do Brasil, na melhoria das condições de vida do povo, na consolidação da legalidade democrática — é um dos instrumentos mais eficazes para levar o governo a se orientar por uma política que reflita de fato os interesses da nação. Semelhante política só poderá tornar-se real e efetiva à medida que o governo dê passos concretos no sentido de romper com a submissão diante dos monopólios norte-americanos (e em seu lugar adote uma posição de independência e firmeza) e afaste do seu seio os elementos comprometidos com os tristes imperialistas, como os srs. Lucas Lopes, Roberto Campos e Garrido Torres, substituindo-os por pessoas capazes de servir aos interesses nacionais.

Essa mudança de rumos, por sua vez, dada a existência concreta (e às vezes predominante) no seio do governo de figuras de proa do entreguismo, não poderá ser conseguida senão à base de uma pressão tão forte das forças nacionalistas e democráticas que seja capaz de superar a pressão, que não deixa de ser feita, por parte das forças antinacionais. Não se pode esperar, é claro, que tal mudança se verifique de uma vez, dado o sentido de compromisso do governo. Ela terá de resultar da conquista de vitórias sucessivas dos setores nacionalistas e democráticos, da acumulação de modificações graduais na situação atual, de modo a que a correlação de forças vá se alterando a favor dos setores antinacionalistas e populares. Este é o sentido que tem a luta pela conquista de um governo nacionalista e democrático, dentro dos quadros do regime vigente.

A seriedade dessa luta — com os inúmeros obstáculos que ela enfrenta em seu curso — indica que o seu êxito depende, antes de tudo, da capacidade que revelem as forças nacionalistas de agrupar, de unir solidamente as mais extensas camadas da população, assim como da clareza e firmeza com que se empenhem no combate para tornar vitoriosos os seus objetivos.

ENQUANTO um país capitalista plenamente desenvolvido a posição dos comunistas diante da burguesia se apresenta, podemos dizer assim, de modo claro e simples, o mesmo não se dá, porém, nos países atrasados, que ainda se encontram numa situação de dependência. Nestes últimos países, o papel da burguesia encerra tais aspectos contraditórios e complexos, entrelaçados, além disto, a numerosas particularidades nacionais, que o problema, inevitavelmente, se torna dos mais difíceis de resolver no campo da estratégia revolucionária. Entretanto é indispensável estudá-lo e dar-lhe correta solução, porque os erros que se cometem no que se refere ao papel da burguesia num país dependente são erros muitas vezes graves, como o comprova a nossa própria experiência e a dos comunistas de diversos outros países ainda oprimidos.

RESUMINDO o que dissemos em edições anteriores, podemos afirmar que o papel da burguesia na atual etapa da revolução brasileira se caracteriza pelos seguintes traços principais:

1.º) A burguesia é uma força social objetivamente interessada nas tarefas da revolução nacional e democrática. Ela se beneficia diretamente com o desenvolvimento econômico do país e isto a conduz a chocar-se com a situação de dependência diante do imperialismo e com os aspectos arcaicos da estrutura econômica. A fim de dominar o mercado interno e de ampliar a área dos seus empreendimentos, interessada que é no incremento dos seus lucros, como qualquer burguesia, a burguesia brasileira não pode deixar de agravar a sua contradição com o imperialismo particularmente o norte-americano. Isto não será inteiramente compreendido se não for visto no quadro mundial de debilitamento do imperialismo e de decomposição do sistema colonial, determinando ascenso nunca visto do mo-

vimento de libertação nacional no mundo inteiro, inclusive na América Latina. Por sua natureza de classe, do ponto de vista objetivo, a burguesia é, pois, uma força que participa da revolução nacional e democrática em aliança com o proletariado e as demais forças revolucionárias. Está claro, porém, que o papel da burguesia se distingue do papel do proletariado, como veremos a seguir.

2.º) Sendo uma força social revolucionária na presente etapa, a burguesia possui, ao mesmo tempo, tendências conciliadoras, que tornam a sua atuação muitas vezes inconsequente e a conduzem a atitudes capitulacionistas diante do imperialismo. Essa característica não é própria de um ou outro setor da burguesia, mas de toda ela, embora apresente graus muito diferentes de setor para setor. Enquanto em alguns setores a atitude conciliadora pode se acentuar em determinados momentos, ao mesmo tempo, em muitos outros setores, se firmam posições radicais. As tendências conciliadoras da burguesia não devem surpreender, em virtude da sua natureza de classe exploradora, das possibilidades de compromisso que ainda pode encontrar, em certos casos, com o imperialismo e, sobretudo, do fato de que a burguesia deve disputar cada vez mais a sua hegemonia com o proletariado. É óbvio, por conseguinte, que, entregue à direção da burguesia, o movimento de emancipação nacional não poderá deixar de sofrer de sérias inconseqüências. Como a experiência demonstra, estas inconseqüências podem ser detidas e superadas pela pressão de massas do proletariado e de todo o povo trabalhador.

3.º) Sendo aliada do proletariado na luta anti-imperialista e pela reforma agrária, a burguesia é também a classe que explora o proletariado, que vive e enriquece com a mais-valia produzida pelo proletariado. Na luta con-

tra o imperialismo e contra os setores internos a ele associados, a burguesia apela frequentemente ao proletariado, busca o seu apoio para se fortalecer politicamente e é sensível à sua pressão. Mas isto não impede que a burguesia se esforce constantemente para elevar o grau de exploração da classe operária e para evitar as suas ações independentes, temerosa de que a classe operária possa assumir a hegemonia das massas trabalhadoras. Isto define a posição do proletariado, que é a de buscar a aliança com a burguesia para a luta pela emancipação nacional uma vez que esta é, na presente etapa, a tarefa principal, a primeira entre todas as tarefas.

SEMANA NACIONALISTA EM MARQUÊS DE VALENÇA

Comemorando seu 2.º aniversário de fundação, a Frente Nacionalista de Marquês de Valença fez realizar, entre os dias 7 e 11 do corrente, uma Semana Nacionalista.

No dia 7, na Praça Visconde do Rio Preto, teve lugar a abertura da Semana, feita pelo Secretário Geral da Frente, Sr. Gervásio Gomes de Azevedo. Depois, o sr. Franklin Silva Araújo falou sobre aspectos de Reforma Agrária e em seguida foi declamado, por Gil Dantas, o poema "Jeca Tatá" de Catulo da Paixão Coarense. Franqueada a palavra, pela 1.ª vez, ao sr. Manoel Chicarino. A festa foi abençoada pela presença da Banda da Sociedade Musical Progresso de Valença. O dr. Olyvir Bolívar Freitas Felix da Silva, Secretário da Prefeitura, representou o prefeito municipal.

No dia 8, realizou-se, no salão do Clube dos Democráticos, uma sessão organizada pelo cinegrafista Nurype Bittencourt, que pronunciou uma palestra sobre o tema "O Brasil acaba com o Royalty ou o Royalty acaba com o Brasil", fazendo também uma demonstração das operações de filmagem, auxiliada por vários artistas do Cinema Nacional.

Ao mesmo tempo, deve o proletariado defender-se permanentemente da exploração capitalista e lutar para conquistar a sua hegemonia de classe, a fim de imprimir um curso consequente ao movimento revolucionário de emancipação nacional e garantir a transição mais rápida ao socialismo.

4.º) A burguesia, como classe, tem interesses objetivos na revolução nacional e democrática. Isto porém não se dá da mesma maneira e no mesmo grau para todos os setores da burguesia. Alguns setores, que estão longe de constituir a maioria, encontram maiores vantagens em se associar ao imperialismo na exploração do povo brasileiro. Esta posição chega a ser estrutural, isto é, a ter caráter permanente, no caso

de grande parte do comércio de exportação. No caso, porém, da burguesia industrial, os setores que se associam ao imperialismo variam conforme a conjuntura e frequentemente são substituídos uns pelos outros, de tal maneira que um industrial hoje servido do imperialismo pode amanhã opor-se a ele e vice-versa. De modo geral, porém, os interesses da esmagadora maioria da burguesia industrial, inclusive da grande burguesia, se contra-põem ao imperialismo, sobretudo o norte-americano. Estes interesses cedem cada vez menos às tendências conciliadoras a medida em que o movimento de emancipação nacional tiver o apoio crescente das massas e ganhar um curso consequente por influência da ação política do proletariado.

HOMENAGEM A JUIZ DE FORA E TRÊS RIOS

No dia 13, foi prestada uma homenagem à Caravana presente do Movimento Nacionalista de Juiz de Fora, bem como aos representantes nacionalistas de Três Rios. Em comício realizado na Praça Visconde do Rio Preto, fizeram uso da palavra: o dr. Perivaldo de Miranda Delgado, sobre o tema "Investimentos estrangeiros no Brasil"; o dr. Arlindo Leite, vice-prefeito de Juiz de Fora, Presidente de Honra do Movimento; o dr. José Moreira Lana, vereador à Câmara Municipal de Juiz de Fora; o vice-presidente do Movimento; o professor Irineu Ribeiro; o acadêmico de Direito Maximiano de Oliveira, vice-presidente da União Triunfante de Estudantes; o dr. Eduardo Alvim, presidente do Centro de Estudantes de Três Rios. Falou também, como membro do Movimento de Juiz de Fora, o valenciano Sívio Botelho. A senhorita Marilene Medeiros executou números de acordeão. A Sra. Francisca Medeiros saudou a mulher de Valença, sendo abordados

vários problemas de interesse popular. No encerramento foi entrevistado ao microfone o professor Guaycurú Umburê.

No dia 10, foi transmitido, pela difusora ZYM 7, do Rádio Clube de Valença, como de costume, o programa "Nacionalismo em Marcha", com a leitura de uma crônica intitulada "O Fazendeiro e o Negro", de autoria do sr. Franklin Silva Araújo. As 20 horas, a Frente realizou o seu habitual plenário semanal.

No dia 12, realizou-se nova sessão solene no auditório do Rádio Clube de Valença, sendo abordados

(Conclui na 9.ª página)

HISTÓRIA DO MOVIMENTO OPERÁRIO (XVIII)

LASSALLE, O OPORTUNISMO NO MOVIMENTO OPERÁRIO ALEMÃO

A Alemanha, por volta de 1790, estava dividida em mais de 360 ducados e cidades livres, cada um dos quais eram um Estado independente. Com o Congresso de Viena, em 1815, esses Estados reduziram-se a 39. Em seguida à derrota da revolução de 1848, passaram a ser 36. O novo surto capitalista que néles se verificou entre 1850 e 1870 levou a que 21 se unissem em 1866, na União Germânica do Norte, e acabou por impor, em 1871, a unificação de todos eles num só Estado burguês alemão. Já que o proletariado não fora capaz de realizá-la "por baixo", ela se fez "por cima", sob a liderança dos junkers e burgueses da Prússia, encabeçados pelo junker-mor e helesoso chanceler Bismarck.

O surto capitalista de 1850 a 1870 foi tumultuoso e potente e com ele se acelerou o processo de formação do grande proletariado alemão. De 1848 a 1857 a produção de carvão mineral passou de 8

para 25 milhões de toneladas. Duplicou a produção de ferro, aumentou de seis vezes o emprego de máquinas a vapor nas fábricas e de quatro vezes o número de teares mecânicos. Em 1870 a rede ferroviária alemã era mais extensa que a da França. O capitalismo estendeu-se ao campo. Os grandes latifundiários nobres — os junkers — mantiveram a posse de suas vastas glebas e nelas começaram a empregar o trabalho assalariado, ao mesmo tempo que se formava uma camada de camponeses ricos — os grossbauern — a custa da violenta desagregação e ruína da pequena economia camponesa.

A partir de 1860 acentuou-se o ascenso do movimento operário. Criaram-se por toda parte organizações operárias, que não eram entretanto de caráter político inicialmente; eram centros artísticos, desportivos, juvenis. Bismarck começou a fazer toda sorte de promessas aos operários, como forma

de ganhar o apoio destes para os seus planos de unificação da Alemanha. A burguesia, por sua vez, aliada embora a Bismarck, tentava disputar-lhe a influência sobre o proletariado. Um de seus teóricos, Schultze Delitzsch, entrou a recomendar aos operários a organização de sociedades de produção (cooperativas), dizendo-lhes que assim é que se poderia resolver o problema do trabalho e não com a revolução.

Contra Schultze levantou-se Ferdinando Lassalle (1825-1864) valioso socialista pequeno-burguês, que se arrogou o direito de falar em nome do proletariado alemão. Schultze pregava a colaboração de classes entre operários e burgueses, a formação de cooperativas em lugar da

luta de classes. Lassalle lançou a palavra de ordem da separação política do proletariado da burguesia e da criação de um partido operário independente. Nisso, é claro, estava certo. Mas eis, em resumo, com suas próprias palavras, o programa que propunha para esse partido: "Os operários e os pobres constituem a maioria na Alemanha. Ao obter direitos de sufrágio conseguirão a maioria no Parlamento e por meio dela promulgarão leis sobre o auxílio obrigatório do Estado as cooperativas de produção dos operários, onde estes trabalharão sem os capitalistas e chegarão a ser livres". Era a degradação do partido operário, de seus objetivos e meios de luta. Mas Lassalle levou suas idéias adiante.

Em 1863, por proposta sua, fundou-se a "União Germânica Geral de Trabalhadores" num Congresso de delegados dos distritos industriais da Alemanha. Lassalle foi eleito presidente da União, começou a ganhar nome e prestígio, como tanto queria, e converteu-se num dirigente famoso do proletariado alemão. Assim criou um dos ramos mais nocivos do oportunismo no movimento operário da época: o lassalismo, que ganhou força na Europa, sobretudo entre os operários alemães. As falsas concepções do seu socialismo "policial", baseado de fato na "ajuda obrigatória" do Estado prussiano aos trabalhadores, foram vigorosamente criticadas por Marx e Engels, particularmente no manuscrito de

Marx "Crítica do Programa de Gotha", de 1873, que Engels resolveu publicar em 1891 para que o proletariado alemão e europeu em geral soubesse afinal realmente quem foi Lassalle e qual a opinião de Marx sobre suas preciosas teorias econômicas e políticas.

Lassalle, ao mesmo tempo que cortejava demagogicamente o operariado, com a errônea e perigosa afirmação de que "ante a classe operária todas as demais classes não constituem mais que uma massa reacionária", entrou em relações secretas com Bismarck, apoiando o seu reacionário plano de unificação "por cima" da Alemanha. Quando Bismarck concedeu o sufrágio universal em 1864, foi de acordo com Lassalle, que lhe prometeira em troca o apoio da classe operária.

De forma semelhante ao que se dava a época com o traducionismo na Inglaterra e com o prouidionismo na França, o oportu-

nismo lassalleano conseguiu infiltrar-se profundamente no movimento operário alemão e tornar-se a sua corrente predominante. Contra ele lutaram os destacados dirigentes proletários Augusto Bebel, torneiro-mecânico, e Wilhelm Liebknecht, então estudante, que agiam de acordo com Marx e Engels. Liebknecht (pai de Karl Liebknecht) lutou nas barricadas de 1848 e foi um revolucionário até o fim de sua vida (1826-1900). Bebel (1840-1913) após a morte de Engels passou-se para as posições do oportunismo.

Quanto a Lassalle, em setembro de 1864, num balneário na Suíça, apaixonou-se por uma aristocrata. Apareceu um rival, também aristocrata aliás. Descenderam-se, hateram-se em duelo, como era do bom tom, e Lassalle foi quem morreu. Era, realmente, como disse-ram Marx e Engels, "o democrata do Rei da Prússia"...

A CIENCIA JÁ PODE AFIRMAR:

O Homem Rejuvenesce

A velhice é uma doença. A velhice é curável. Esta a animadora conclusão que tiramos depois de visitar um dos mais importantes e conhecidos Institutos do mundo dedicados às pesquisas em torno do rejuvenescimento do organismo humano, em Bucareste.

Neste momento, fala-se muito no mundo ocidental da medicina rumena a propósito da notável descoberta da Professora Ana Aslan, hoje internacionalmente famosa por seus trabalhos no tratamento da velhice.

Em visita à República Popular da Romênia, não podemos fugir à curiosidade de conhecer a cientista cujo método de revitalização orgânica vai sendo aplicado em todo o mundo. Queríamos dar também nosso testemunho pessoal dos êxitos ou fracassos obtidos neste terreno no país onde mais longe avançaram esses métodos.

Com a Professora Aslan

A um nosso pedido, a professora Aslan prontificou-se a receber-nos e mostrar-nos o Instituto que dirige. É um magnífico edifício em meio a um bosque verdejante (no momento estava-se em plena primavera na Europa). Tive então a primeira surpresa. Sabia que ia conhecer um asilo de velhos. No entanto, no parque do Instituto eu via pessoas de idade avançada mas saudáveis e com ótica aparência. Não era o habitual asilo de velhos de pele enrugada e alquebrados ao péso dos anos. O espetáculo, inteiramente diverso, era deveras surpreendente.

A professora Aslan recebeu-me em seu gabinete de trabalho. Simpática, aparentando uns 45 anos, tinha um permanente sorriso nos lábios.

Nossa entrevista foi absolutamente informal. A conversa transcorria vivamente, ao mesmo tempo que passavam diante de meus olhos alguns dos casos mais interessantes da clínica da professora Aslan. Eram velhinhos de ambos os sexos. Tive oportunidade de falar com alguns que se expressavam em francês (o que é comum na Romênia). A cientista ia expondo seu método e suas idéias sobre o tratamento da velhice. Sua segurança era tão grande que, mesmo os espíritos mais prevenidos, afastam

Fued SAAD (Médico brasileiro que visitou a República Popular da Romênia).

logo toda possibilidade de charlatanice. E os casos eram os mais convincentes.

A base do tratamento

A doutora Aslan é catrônica de clínica médica e terapêutica da Faculdade de Medicina de Timisoara, recentemente fundada. É discípula de G. I. Parhon, endocrinologista mundialmente conhecido e que ocupou o cargo de Presidente da República da Romênia. Os trabalhos da prof. Aslan têm origem nos métodos do professor francês Lariche e do grego Danielopolu. O primeiro introduziu a novocaina no tratamento da endoarterite (obstrução e inflamação das artérias), aliás em uso até hoje. Utilizando este tratamento, observou a doutora Aslan que seus resultados benéficos excediam o objetivo visado e se traduziam em melhoras gerais do organismo. Depois de pacientes estudados, chegou à conclusão de que a novocaina devia ser utilizada com proveito no tratamento da artrite (inflamação das juntas).

Foi este o ponto de partida da importante descoberta da recuperação orgânica através da novocaina. As observações da professora Aslan estão hoje mundialmente comprovadas e ninguém lhe desconhece os méritos neste novo ramo da ciência.

O primeiro êxito

A doutora Aslan contou-me com emoção um dos seus primeiros e notáveis êxitos. Era um estudante de medicina, imobilizado no leito havia três semanas por uma artrite no joelho e sofrendo terríveis dores. A professora obteve seu consentimento para a aplicação do seu método. E com o correr dos dias — a 15 de abril de 1949 — o estudante recuperou os movimentos, restabeleceu-se por completo. Notou igualmente, com outros casos semelhantes, que ao mesmo tempo que curava a artrite o tratamento com a novocaina se refletia sobre todo o organismo. Como verdadeira cientista, insistia nas experiências. O acaso poderia ter agido. A supres-

são da dor, com os efeitos psicológicos correspondentes, poderia ter tido sua ação benéfica.

E então passou a um campo mais vasto de experimentos. Provocou lesões articulares em ratos por meio de um irritante químico (a formaldehído), que poderia levar até à necrose (morte dos tecidos). Mas os tratamentos feitos mesmo no início da necrose determinaram a cura em 95% dos casos. Era um resultado espetacular! Simultaneamente com as melhoras locais, os ratos apresentavam modificações surpreendentes: tornavam-se mais vivos, recobravam o vigor e pelo voltava a ser luzidio e sedoso, mesmo depois de ter caído por completo.

Estes resultados, somados aos obtidos no homem, levaram a Dra. Aslan a procurar o tratamento da velhice com a novocaina. Seus primeiros sucessos são surpreendentes, abrindo uma nova era na ciência médica e descorrendo novos horizontes à saúde humana.

Eu próprio vi um velhinho de 112 anos cuja pele fazia inveja a muitos jovens. Antes, sofria de atrofia muscular; hoje é alegre, sai diariamente à rua, vai ao cinema e seus cabelos brancos adquiriram a cor negra anterior.

Constatai vários outros casos semelhantes.

A velhice não é uma fatalidade

A professora Aslan, como outros cientistas em todo o mundo, está convicta de que a velhice não é uma fatalidade, mas sim uma consequência de perturbações metabólicas, uma moléstia, portanto, que não se pode ser tratada como evitada. As experiências da professora Aslan já abran-

Saiu o n.º 5 da Revista "Estudos Sociais"

Esta circulação o n.º 5 de "Estudos Sociais", correspondente aos meses de maio e abril do corrente ano, e a revista estampa artigos e notas críticas que versam sobre assuntos políticos, econômicos, históricos e filosóficos.

Merece particular destaque entre a matéria publicada os seguintes artigos: «A Vitória da China contra a Fome», do Prof. Josué de Castro; «OPENO — Um problema em debate», de Moacyr Paz; «Um capítulo da formação da propriedade agrária — a semearia», de A. Passos Guimarães.

Para a compreensão do debate que atualmente se trava no terreno da filosofia marxista, tem especial significação os artigos assinados por György Lukács e Jozsef Szigetli.

Além das colaborações referidas, "Estudos Sociais" publica ainda artigos assinados por Miguel Costa Filho e Ilya Ehrenburg. As notas críticas sobre livros e revistas são de grande atualidade.

gem mais de 19.000 casos e confirmam esta concepção. A novocaina exerce uma função estimulante e revitalizadora sobre as células, particularmente as células nervosas, desde que devidamente aplicada, afastando naturalmente as aventuras charlatanescas.

A professora Aslan dá agora passos mais ousados nas suas pesquisas. O governo da República Popular da Romênia lhe proporeciona para isso todas as instalações necessárias. Seu Instituto, que tem o nome do professor Parhon, está dividido em 4 seções, inclusive uma destinada ao estudo da influência do meio, do clima, das condições de trabalho, etc., de onde procede o paciente. A prof. Aslan recebe uma copiosa correspondência de muitos países do mundo. Escrevem-lhe mesmo velhos lordes ingleses e banqueiros franceses.

Todos têm esperança numa vida mais longa e em tornar realidade um antigo sonho do homem — viver sempre jovem.



A dra. Ana Aslan, pioneira da aplicação da novocaina para o rejuvenescimento orgânico.



David Niven e Deborah Kerr olham-se nos olhos desviando o curso de suas Vidas Separadas.

VIDAS SEPARADAS

Gennyson Azevedo

Vidas Separadas (Separate Tables) é mais uma obra adaptada do repertório teatral de Terence Rattigan. Aliás, Rattigan figura entre os mais férteis teatrólogos da Inglaterra e um dos homens de teatro a quem o cinema tem respeitado nas suas adaptações. Entre os diversos filmes produzidos com histórias suas podemos lembrar, entre os mais recentes, Sem Barreiras no Céu, Profundo Mar Azul e o Príncipe Encantado, este último com a estrellíssima Marilyn Monroe e Sir Laurence Olivier.

Vidas Separadas focaliza a solidão de um punhado de seres, alguns já no ocaso de suas vidas melancólicas, reunidos num hotel modesto de uma praia perdida no litoral britânico. Tal temática não é nova para Rattigan, pois, ela já estava presente em outros argumentos. Desta vez, porém, o autor é mais direto, penetra mais longe no íntimo de seus personagens e arranca-lhes confissões.

Delbert Mann, talentoso realizador de Marty, mostra-se sensível ao assunto, criando uma excelente atmosfera como já o fizera ao filmar a telepeça de Paddy Chaielsky.

Entre as confidências a mais veemente é, por certo, a da desgraçada solteirona (Deborah Kerr) inteiramente dominada pelo autoritarismo da mãe (Gladys Cooper). Desajeitada, faltava-lhe coragem até para fitar nos olhos o falso major (David Niven) pelo qual nutria velada simpatia amorosa. O major, um tímido, que procura esconder-se atrás de um falso título e glórias imaginárias é o elemento que desencadeia os conflitos que levarão estes seres a se comunicarem, mesmo a despeito das me-

tas separadas. Delbert Mann narra com fluência esta estranha vida cheia de alcapões que conduzem à solidão e ao sofrimento. Há que vislumbrar nos conflitos as diversas nuances de intolerância do egoísmo, do autoritarismo. Pouco a pouco, os ânimos sufocados pelo medo, as aparências cuidadosamente preservadas, esborçam-se diante da realidade mais poderosa dos sentimentos. O escritor (Burt Lancaster), que procura no Alcool o remédio para apagar a imagem de sua bela esposa (Rita Hayworth), vacila entre o afeto da gerente do hotel e os encantos da esposa que volta a procurá-lo, ao aparecerem as primeiras rugas. Os sentimentos entram em conflito, a pasmação e a tradição opõem, libertam-se os complexos, a pequena oprímida rebelde contra a intolerância materna e sorri para o falso major. A frieza e silêncio do refratário diluem-se no contacto informal, com os primeiros sorrisos trocados. A história termina aí.

No quadro interpretativo Deborah Kerr, despojada de seu encanto e elegância, cria uma solteirona feia e complexada alcançando-se ainda mais alto na sua arte. David Niven com a simpatia e classe que lhe são peculiares, Rita Hayworth dá adeus ao papel de «vamp» glamorosa encontrando novo caminho para a sua atividade cinematográfica. Burt Lancaster o bom ator de sempre num papel menos exuberante do que o costume. Gladys Cooper, a mãe trágica e austera, uma excelente atriz.

EXPOSIÇÃO DE PINTURA EM COPACABANA

Semana...

(Conclusão da 3ª Fala) lença. Também nessa festa fez-se ouvir o Professor Guaycurá Umburacé.

No dia 14, teve lugar o encerramento da Semana, em comício na Praça Visconde do Rio Preto. Discursaram os deputados federais Almino Afonso, do Amazonas, Celso Brant, de Minas Gerais, e Neiva Moreira, do Maranhão; o Secretário de Viação e Obras do Estado do Rio, dr. Bernardo Belo Pimentel Barbosa; dr. Rosemar Pimentel, representando o Prefeito de Barra do Piraí; dr. Guilherme Milward; sr. Almir Mendes Avelar, Presidente da União dos Trabalhadores da mesma Cidade; srs. Manoel Gonçalves de Araújo e Manoel João, de Três Rios; João Sant'Ana, de Angra dos Reis, portador de uma mensagem com dezenas de assinaturas, inclusive do Prefeito daquele Município, e por fim, o sr. Antônio da Rocha Machado, representante da Frente de Volta Redonda.



Instalou-se na Galeria Copacabana de Arte (Av. Copacabana, 643) uma exposição de pintura, da qual participam alguns dos nossos principais artistas: Di Cavalcanti, Clóvis Graciano, Bonadei, Pancetti, Ibrã, Marysia, Malagoli, Gobbis, Sílvia, S. Pinto e Rabalo Gonçales. Reproduzimos aqui um trabalho da jovem pintora Marysia Portinari.



Na foto, da TASS, o emblema do I Festival Internacional de Cinema de Moscou.

PIANISTA BRASILEIRA IRÁ A MOSCOU

Após brilhante tournée por vários países, regressou ao Brasil a exímia pianista Regina Grisse de Agostino. Exibindo-se em Varsóvia, Paris, Bruxelas, Estocolmo e Londres, a artista brasileira conquistou simpatia e aplausos gerais.

A respeito da sua apresentação o famoso Sallio Pleyel, em Paris, assim manifestou-se o jornal francês, L'Humanité: «Regina deu-nos ontem uma prova substanciosa de sua arte interpretativa; uma jovem que bem demonstra o que de mais belo e sublime pode conseguir a música no entrelaçamento dos povos. Estão pois de parabéns o seu no-

me e o de sua pátria, o Brasil. O jornal Ce Soir, assim se referiu à sua exibição: «Tivemos ontem, com a presença de toda uma seleta assistência, momentos de arrebatadas nuances emocionais, com a música interpretada pela jovem pianista brasileira Regina Grisse de Agostino. Apesar da sua pouca idade, não lhe faltou uma atenção que é somente tributada a os mestres já consagrados pela crítica internacional. A jovem pianista brasileira já está novamente de malas prontas, desta vez para ir à URSS, a fim de se apresentar no festival de plano em Moscou, de 12 a 22 de julho.



Este ancião chama-se Parseh Margosian e tinha 96 anos quando foi tirada a foto acima. Passou pela clínica da doutora Ana Aslan, e está em boa forma.



Aqui Parseh Margosian tem 112 anos apesar de sua jovialidade.



# "A PDF NÃO FAZ FAZEMOS NÓS"

### No Bairro Jardim Santo Antônio, a população se organizou e resolveu por conta própria os problemas — (Reportagem de Luiz Fernando)

"A Prefeitura não faz, fazemos nós", disse o sr. José Lucena Barbosa, presidente da Associação Pró-Melhoramentos do Jardim Santo Antônio, iniciando a palestra que manteve conosco.

O Jardim Santo Antônio é um pequeno bairro vizinho a Honório Gurgel, na zona de Deodoro, onde residem cerca de 480 famílias. É um bairro totalmente ilhado. Comunicação entre o rio Acari, um imenso terreno baldio de propriedade de Matazazzo, as gigantescas instalações da Sidney Ross e a linha férrea, o bairro tem apenas uma via de acesso, que o liga a Av. das Bandeiras. "Antigamente", explicou-nos o sr. José Lucena, "havia uma ponte sobre o Acari, que nos comunicava diretamente com Honório Gurgel. Foi construída por particulares. Quando o bairro começou a se desenvolver, a Prefeitura tomou conta da ponte, há uns três anos. Por falta de conservação, a ponte ruíu há um ano". Os moradores estão agora em luta para que a PDF reconstrua a ponte. O rio Acari é, aliás, responsável por enchentes que causam sérios prejuízos à região. Enquanto a Lei 899 — que, num dos seus itens, determina que a SURSAN regularize a situação do rio — não for cumprida, o Acari continuará ameaçando a ponte da ferrovia em Honório Gurgel e um grande bloco residencial em Deodoro, além de outros estragos.

Quando foram entregues a domínio público, as ruas do bairro não tinham luz elétrica. "Fazíamos parte da 'área que oscure', iluminação a lampião, que abarcava cerca de 14 da área do Distrito Federal", explicou o sr. José Lucena. Na luta pela instalação da luz elétrica, a Associação percorreu todas as instâncias, sem sucesso. "Não há verba", era a resposta de sempre. Os moradores resolveram, então, organizar, conseguindo juntar um milhão de cruzeiros. O dinheiro foi entregue à Licht e em 27 de setembro de 1958, em meio a grandes festividades, a luz elétrica começou a iluminar treze ruas e uma praça do Jardim Santo Antônio. Atualmente os moradores lutam pela eletrificação do resto do bairro.

### Substituindo as autoridades

Diante do descaço das autoridades, os moradores resolveram assumir a responsabilidade de introduzir no bairro uma série de melho-

rias. Assim, aos 14 de abril de 1957, foi fundada a Associação Pró-Melhoramentos do Jardim Santo Antônio, que passou a dirigir, organizadamente, os esforços dos habitantes do local. Além do setor reivindicatório, a Associação envolve intensas atividades culturais, esportivas, sociais e recreativas. Em pouco tempo o número de sócios se elevava a trezentos. Foi imediatamente organizada uma campanha financeira, através de festas, etc., para a compra de um terreno para a sede própria da Associação. Desde esta que foi constituída pelas mãos dos próprios moradores, em trabalho feito aos domingos. O prestígio da entidade não se limita ao seu quadro social. Todos os moradores colaboram em suas lutas e realizações e, como podemos pessoalmente verificar, cobram dos diretores da Associação o cumprimento das lutas reivindicatórias e se põem à disposição dos mesmos, para essas lutas.

Quando foram entregues a domínio público, as ruas do bairro não tinham luz elétrica. "Fazíamos parte da 'área que oscure', iluminação a lampião, que abarcava cerca de 14 da área do Distrito Federal", explicou o sr. José Lucena. Na luta pela instalação da luz elétrica, a Associação percorreu todas as instâncias, sem sucesso. "Não há verba", era a resposta de sempre. Os moradores resolveram, então, organizar, conseguindo juntar um milhão de cruzeiros. O dinheiro foi entregue à Licht e em 27 de setembro de 1958, em meio a grandes festividades, a luz elétrica começou a iluminar treze ruas e uma praça do Jardim Santo Antônio. Atualmente os moradores lutam pela eletrificação do resto do bairro.

### Doaram à Prefeitura

Entre outras conquistas da Associação podemos citar o emplantamento das ruas e a construção de dois abrigos nas paredes de ônibus da Av. das Bandeiras, a fim de evitar que não só os habitantes do bairro como os milhares de operários das fábricas vizinhas, esperassem condições sob a chuva ou o sol causticante. Os dirigentes da entidade local foram ao DNER solicitar a construção dos abrigos. "Não há verba nem para comprar um lapis", foi a informação recebida. Pediram então uma planta e autorização para, por conta própria, realizar o serviço. A Sidney Ross, entrou com a matéria, a Eternit com as telhas e os moradores com a mão-de-obra. Em pouco tempo estavam prontos os abrigos, que foram doados à municipalidade.

A população infantil do bairro é, aproximadamente, de quinhentas crianças. O grupo escolar mais próximo desta faixa de idade encontra-se em Honório Gurgel. As vagas existentes nessa escola, evidentemente, não chegam a satisfazer as necessidades dos moradores do Jardim Santo Antônio. Assim, pequenos grupos de crianças do bairro frequentam aquela escola pública. E, dizem-se de passagem, é até perigoso às vezes, pois as crianças têm de atravessar a linha do trem com grande risco. A Associação resolveu intervir também



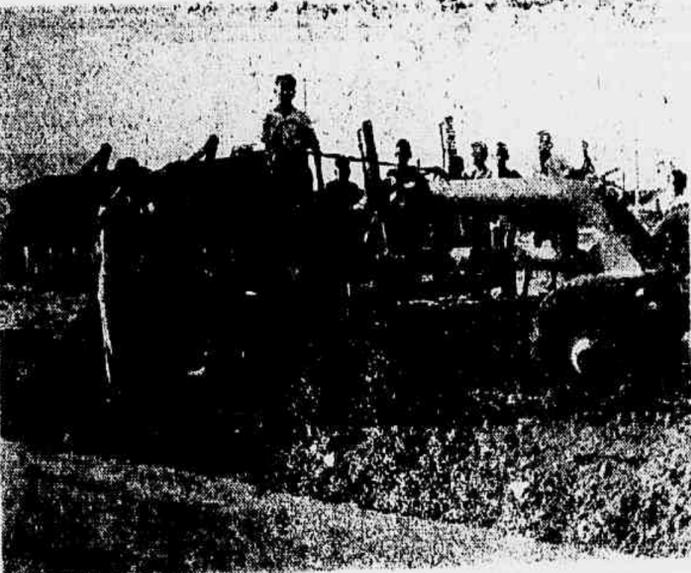
A passagem sobre o rio Acari constitui um perigo a que os moradores (principalmente as crianças) estão expostos.

principalmente as crianças. Associação ajudaria também a resolver o problema da condução não só dos moradores do bairro e do grande conjunto residencial do IAPI que lhe é vizinho, como dos milhares e milhares de operários que trabalham na Sidney Ross, Gasbrás, ARMC, Norbras, Eternit e outras empresas.

### Até os estranhos ajudam

Tais são o interesse e a animação despertados pelas atividades da Associação, que mesmo os estranhos ao bairro procuram com ela colaborar. Assim, uma companhia particular emprestou um trator à entidade, a fim de que ela pudesse preparar um terreno onde em breve seria construída uma praça de esportes.

Atualmente, a reivindicação mais candente dos moradores do Jardim Santo Antônio é a construção de uma estação de trem no local. O resto dessa luta viria solucionar uma série de problemas. Um deles, e o mais grave, é a falta de segurança para as famílias que passam pelo bairro e limitado por duas curvas, o que leva as pessoas a só verem os trens quando já próximos. Acrescenta-se a isso o fato de passarem eles em alta velocidade e não será difícil perceber o permanente risco que correm os que por ali se obrigam a atravessar, prin-



Até estranhos dão ajuda à Associação: uma firma emprestou o trator que está sendo utilizado para construção de uma praça de esportes.

## CARTA DO SERTÃO

ZE PRAXEDI — O Poeta Vaqueiro

Seu Ministo Menegate,  
Meu ilustre coroné:  
O Rio Grande do Norte  
Num é terra de café.

Nosso argudão sirido  
É prduto de prémera  
Nossô sá, nossa cachaca  
Podem vendê lá nas praça  
Das ilites istrangêra.

No começo desse secro  
Nós prantemo um Cafézim:  
O bicho naceu froidoso  
Fúlorô munto cediu...  
Creceu sem dexá ninguem  
Travessá no seu camim.

Abasticeu o Istado  
Foi prémero sem sigundo.  
Nós mandemo cá pru Rio  
O Café fiôo prufundo!  
Pensemo inté, seu Ministo,  
Qui o Café, pruvia disto,  
Tumava conta do mundo

Mandaro para as Oropa,  
Pruis mericano do Norte,  
O Café perdeu o gosto,  
Foi dexando de se forte.

Nesse fimá de cinquenta  
Nosso Café s'acabo,  
Bataro Leite minere  
O café dizimero.

Mas se o doutô Menegate  
Tivé bastante simente,  
Mande prantá na Bahia  
A terra da puizá  
Dá um café déferente.

O nosso Café nortista  
Foi munto bom quando novo,  
Pregava a chica no pire  
Tinha a sustança do ovo!  
Porém, adispôs de vício  
Foi fazendo mair ao povo

O Leite minero é forte!  
Precisa se té coitado,  
A sarvação do Brasil  
Té nesse Leite adorado,  
Mina Gerá, garabem!  
Nesse mundo num se tem  
Outo tão apichelo.

Batem queda no xisno  
Onesse Leite é verdadeiro!  
O Brasil fiôo mandando  
Seu cruizá pru mundo intéro.

# Declaração Conjunta De Ferrovários Do Brasil e Da União Soviética

Por ocasião da visita do líderes ferroviários brasileiros à União Soviética, foi assinada a seguinte declaração conjunta da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários do Brasil e do Sindicato dos Operários do Transporte Ferroviário da URSS.

De 25 de abril a 16 de maio de 1958 visitou a União Soviética uma delegação da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários do Brasil formada pelo presidente da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários do Brasil, Raimel Martinielli, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro, Alvaro David, e o membro da Comissão de Promoções do Sindicato dos Ferroviários do Rio de Janeiro, José Dias Caldeira.

A delegação conheceu Moscou, Leningrado, Kiev, Tbilisse, Sotchi, visitou uma série de empresas de transporte ferroviário, tomou conhecimento das condições de trabalho e de vida dos ferroviários soviéticos. Mantive numerosos contatos amistosos com os ferroviários e ativistas sindicais.

A delegação considera seu dever salientar o alto nível técnico do transporte ferroviário da URSS, o bom conhecimento dos serviços médicos e da segurança no trabalho, as condições condições para tratamento e descanso dos trabalhadores, o alto nível de vida e cultura

do povo soviético, seu incombustível desejo de paz. Durante a troca de opiniões entre as delegações de representantes da Federação Nacional dos Trabalhadores Ferroviários do Brasil e do Comitê Central do Sindicato dos Operários do Transporte Ferroviário da URSS, constatou-se a unidade de pontos-de-vista quanto aos problemas das relações entre os sindicatos.

Orientando-se pelas tendências da internacionalização proletária e da solidariedade internacional das trabalhadoras, ambas as organizações assinaram com satisfação o estabelecimento de contatos entre os ferroviários do Brasil e da União Soviética e firmaram sua intenção de continuar desenvolvendo suas relações amistosas.

Com este objetivo, as duas organizações concordaram em permutar publicações e artigos sobre questões de trabalho sindical.

Ao atribuir especial significado aos contatos pessoais, como a forma mais efetiva de conhecer as condições de vida e trabalho dos ferroviários do Brasil e da União Soviética, as duas delegações, na medida do possível, contribuíram para a permuta de delegações de trabalhadores ferroviários, assim como dos respectivos sindicatos.

Ambas as organizações consideram que a paz entre os povos é condição indis-

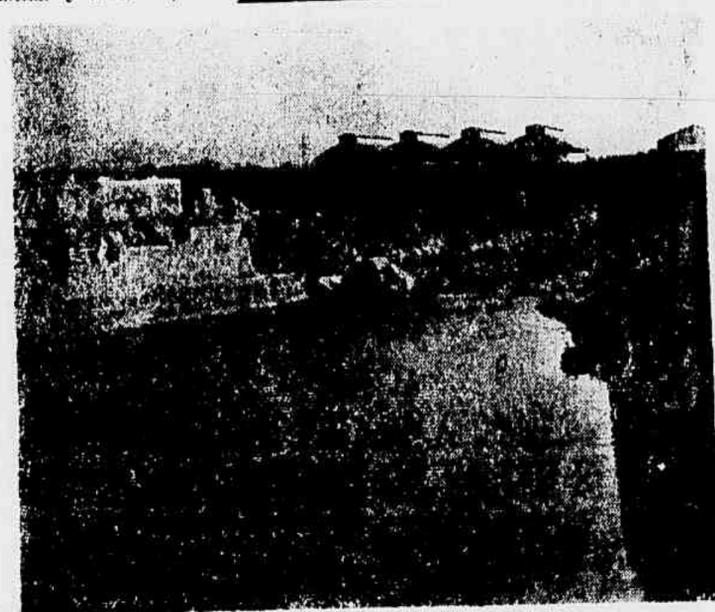
## "DESAJUSTE NA FAMÍLIA"

ANA MONTENEGRO

Participando de uma enquete promovida por mutirão desta Capital, o juiz Cristóvam Breiner, da 2ª Vara de Família, afirma que as causas dos desajustes na família antes de ser econômicas e políticas, são filosóficas. Não vamos discutir com o sr. juiz o mecanismo dos fenômenos que determinam um tipo de sociedade, que, por sua vez, cria as relações sociais e humanas, entre as quais estão, basicamente, as relações familiares. E isto porque os fatos estão aí, refutando tais afirmações. O próprio juiz, mais adiante, reclama para os cônjuges proletários e proleiros, não regras filosóficas, mas medidas de ordem material.

Voltando ao passado dos marginais, que história encontramos? A história de um barraco, de um grupo de pessoas carecidas de roupas, de remédios, de letras, de pão; cheias de cansaço, de revolta, de desesperança. Seria, por acaso, uma família? E a prática do crime seria inspirada por razões de ordem filosófica ou pela falta de um pedaço de pão? Tem, por acaso, um lar, uma família, as crianças que perambulam cortando o silêncio dessas noites tão frias e o coração da gente, essas crianças que oferecem amendóas, para viver? Não acreditamos que a simples elaboração de um código de família viesse modificar, por exemplo, a situação da mãe solteira, como aquela que à semana passada abandonou a filha recém-nascida, na portaria de um hospital.

Há um velho ditado que diz: uma casa de pouco pão todos gostam e nenhum tem razão. Por isso tantos lamentos se distendem. E cada camada social tem as suas próprias exigências. Se não houvesse esse abismo de desigualdade, essas exigências seriam as exigências comuns da vida e encontrariam solução nos bens conquistados para todas as criaturas, porque a felicidade não se reparte em função de maior ou menor posição social, mas de acordo com as necessidades. A verdade é que a moral de que fala o sr. juiz Cristóvam Breiner corresponde, sempre, à forma de distribuição dessa felicidade.



A ponte caiu há mais ou menos dois anos. A Prefeitura não dá nem bola.

que cercam o Jardim Santo Antônio. Há oito anos foi iniciada a construção dessa estação. Todavia, pouco tempo depois as obras foram abandonadas e não se falou mais nisso. A Associação tem, frequentemente, insistido que a Central do Brasil retome as obras e as conclua, sem que isso tenha, até agora, surtido o menor efeito. Já estamos dispostos a fazer como fizemos com os abrigos", afirmou o Sr. José Lucena. "Procuramos a Central a planta e autorização, a arrolamos o material e nós mesmos resolveremos o problema".

A essa altura, já havia uma trinta pessoas trabalhando na organização da sede da Associação Pró-Melhoramentos do Jardim Santo Antônio para o grande baile de coroação da Rainha do bairro, realizada sábado à noite.

"O progresso do Jardim Santo Antônio está todo baseado nos esforços dos seus moradores. A Prefeitura só vem aqui para cobrar os impostos e duas vezes por semana, para recolher o lixo. Limpeza essa que penhoradamente agradeceremos", disse finalizando o Sr. José Lucena.

do bairro, realizada sábado à noite. "O progresso do Jardim Santo Antônio está todo baseado nos esforços dos seus moradores. A Prefeitura só vem aqui para cobrar os impostos e duas vezes por semana, para recolher o lixo. Limpeza essa que penhoradamente agradeceremos", disse finalizando o Sr. José Lucena.

## Declaração Conjunta De Ferrovários Do Brasil e Da União Soviética

Ferrovários do Brasil e do presidente da FNTF — Raimel Martinielli. Em nome do Comitê Central do Sindicato dos Operários do Transporte Ferroviário da URSS, o vice-presidente do CC do Sindicato — E. Barkov. Alvaro David — presidente do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias do Rio de Janeiro. A. Vasconcelos — secretário do CC do Sindicato dos Operários do Transporte Ferroviário do Rio de Janeiro. José Dias Caldeira — membro da Comissão de Promoções do Sindicato dos Ferroviários do Rio de Janeiro. A. Loselstein — membro da Presidência do CC do Sindicato dos Operários do Transporte Ferroviário da URSS. Moscou, 16-V-1958. Republicada por este jornal em 1958.

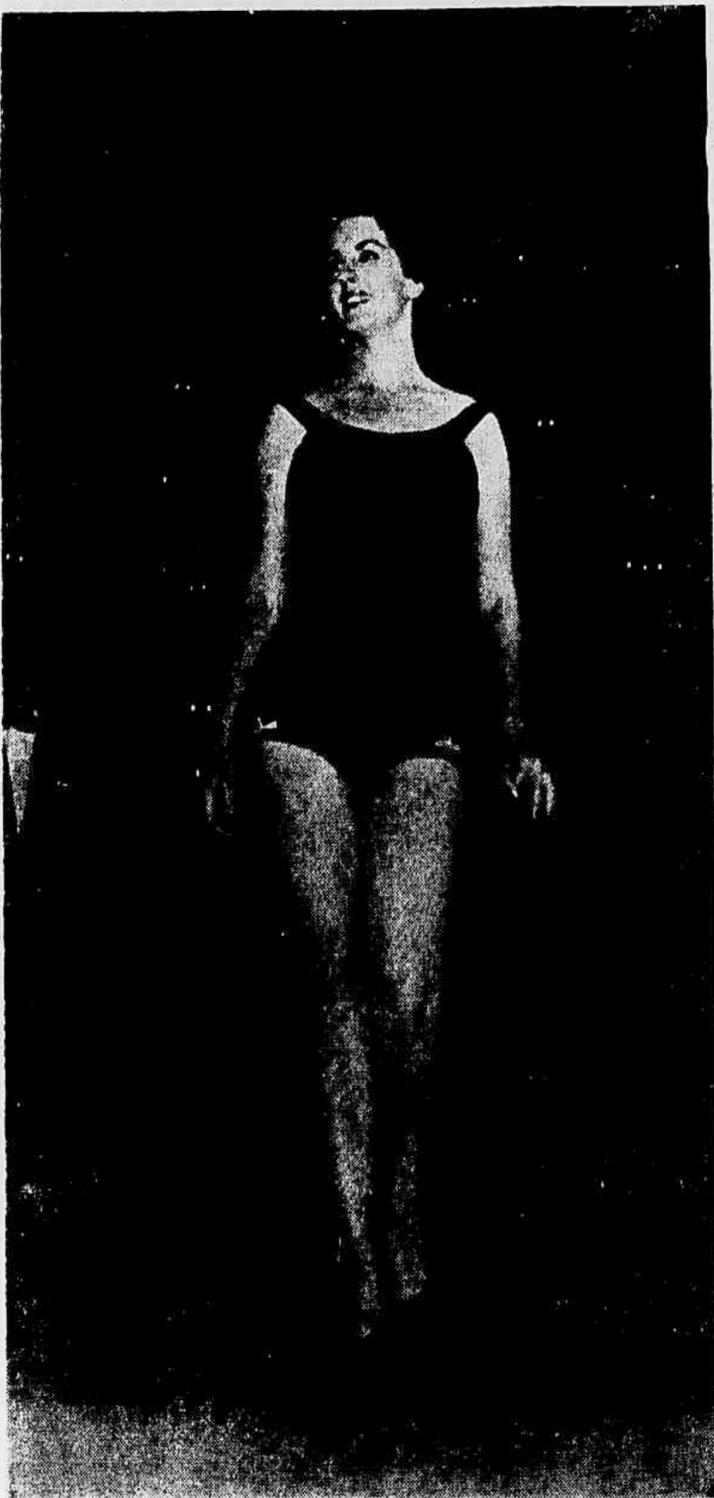
## CABINEIROS DE ELEVADORES

Mais de 1.500 cabineiros de elevadores do D. Federal estão exigindo reajustamento de seus salários. Nesse sentido, decidiram, em assembleia geral realizada no dia 12, reivindicar: a) — aumento de salário na base de 60 por cento sobre o vigente em janeiro de 1958; b) — aumento mínimo de 2 mil cruzeiros sobre o salário mínimo sem compensação; c) — Direito ao aumento de todos os cabineiros admitidos até 31-5-1958; d) — Os admitidos a partir de 1º de junho de 1958 terão direito a um doze-avos do aumento respectivo de item 2.

# MISS BRASIL — VERA RIBEIRO



**AS MAIS BELAS DO BRASIL** — Mais de 20 mil pessoas assistiram no Maracanãzi eleição de "Miss" Brasil. O público era naturalmente entusiasta e interessado como num jogo esportivo. Serpentinhas e côres — num espetáculo meio carnavalesco de grande beleza. A "torcida" participou diretamente da escolha e entre os presentes se distribuíam volantes como em campanha eleitoral... A exibição das beldades virou festa popular. Fora do Maracanãzinho, milhares de pessoas participavam do acontecimento — através da televisão. O resultado final, pelo menos quanto à escolha de "Miss" Brasil, correspondeu à expectativa mais ou menos generalizada: Vera Ribeiro, a jovencinha simples e simpática de Vila Isabel. Houve demonstrações de descontentamento quanto a outras classificações. Mas estas não conseguiram empanar o brilho da noite alegre de 20 de junho. Os aplausos a "Miss" Brasil, "Miss" Pernambuco (2.º lugar), "Miss" Minas Gerais (5.º lugar) impuseram como nota dominante a alegria do grande concurso



Miss Pernambuco — DIONE OLIVEIRA

## Miss Bahia — MARIA MANSO



MISSSES S. PAULO, PERNAMBUCO, D. FEDERAL